

**LABORO: EXCELÊNCIA EM PÓS-GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DO IDOSO**

**FABIANA DA FONTOURA PROCATH SCHUNEMANN
JANDIRA NEVES DE OLIVEIRA
MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO DOS SANTOS**

**O RESGATE HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA
NA MEMÓRIA DOS IDOSOS CANDANGOS**

**Brasília
2010**

**FABIANA DA FONTOURA PROCATH SCHUNEMANN
JANDIRA NEVES DE OLIVEIRA
MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO DOS SANTOS**

**O RESGATE HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA
NA MEMÓRIA DOS IDOSOS CANDANGOS**

Monografia apresentada a LABORO:
Universidade Estácio de Sá como requisito
parcial à obtenção do Título de Especialista
Saúde do Idoso.

Orientadora: Prof^a. Msc. Flavia Maria
Campos de Abreu Rezende

Brasília
2010

Schunemann, Fabiana Procath; Oliveira, Jandira Neves de; Santos, Maria da Conceição C. dos.

O resgate histórico da construção de Brasília na memória dos idosos candangos / Fabiana Procath Schunemann; Jandira Neves de França; Maria da Conceição Carvalho dos Santos. Brasília - DF, 2010.

118f.

Monografia (Especialização em Saúde do Idoso) – Universidade Estácio de Sá – Laboro

Orientador: Prof^a. Msc. Flavia Maria Campos de Abreu Rezende

**FABIANA DA FONTOURA PROCATH SCHUNEMANN
JANDIRA NEVES DE OLIVEIRA
MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO DOS SANTOS**

**O RESGATE HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA
NA MEMÓRIA DOS IDOSOS CANDANGOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão Examinadora do Curso de Especialização, com vistas à obtenção do título de Especialista em Saúde do Idoso, outorgado pela Universidade Estácio de Sá – Laboro - Brasília/ DF, aprovado em ____/____/____.

Nota _____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof.: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof.: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____



A vida é um edifício misterioso que levantamos com as nossas próprias mãos e que deverá nos servir de moradia”.

Victor Hugo

DEDICATÓRIA

A todos os idosos que,
contribuíram para a realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e por estar sempre presente em nossas vidas, não nos abandonando nos momentos de desânimo.

Aos nossos pais, pelo amor, carinho, compreensão e apoio que proporcionaram sempre que precisamos, e também por acreditarem na nossa capacidade, vontade e competência.

Aos irmãos pela amizade, carinho que mesmo de longe incentivaram-nos nesta trajetória.

Agradecemos aos esposos pelo incentivo, amor, dedicação, confiança, paciência e apoio incansável durante essa jornada e pelos esforços para tudo dar certo.

Aos filhos, que estiveram sempre ao nosso lado, em todos os momentos da nossa caminhada, proporcionando-nos alegrias quando havia tristeza; carinho e acima de tudo pelo amor incondicional.

A todos os familiares e amigos pelo carinho e incentivo e às pessoas que passaram pelas nossas vidas, pois cada uma, à sua maneira, ficará para sempre marcados em nossa história.

Aos professores, que contribuíram para o nosso crescimento pessoal e profissional, mostrando-nos os caminhos a percorrer e também sempre dispostos a ajudar. Em especial a mestre e amiga Flavia Maria Campos de Abreu Rezende, pela dedicação, disponibilidade e carinho.

Muito obrigada!

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	10
LISTA DE QUADROS.....	11
LISTA DE GRÁFICOS.....	12
LISTA DE SIGLAS.....	13
RESUMO.....	14
ABSTRACT.....	15
INTRODUÇÃO.....	16
2 OBJETIVOS.....	23
2.1 GERAL.....	23
2.2 ESPECIFICO.....	23
3 DISCURSO DA LITERATURA.....	25
3.1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.....	25
3.2 CENÁRIO DA POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL.....	29
3.3 A PRESENÇA DO IDOSO NO DISTRITO FEDERAL.....	39
3.4 FISILOGIA DA MEMÓRIA.....	40
3.5 A MEMÓRIA X ENVELHECIMENTO	44
4 CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO	50
4.1 MÉTODO.....	50
4.2 LOCAL DA PESQUISA.....	52
4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	53
4.4 PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE DADOS.....	54
4.5 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	55
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	56
5.1 PERPASSANDO O PASSADO: COMO TUDO COMEÇOU.....	56

5.1.1 Construindo Brasília.....	58
5.1.2 A imagem de Juscelino Kubitschek na memória dos idosos.....	63
5.1.3 Os candangos: a viagem e a imagem do trabalho.....	66
5.1.3.1 A Cidade Livre na memória dos idosos	72
5.1.3.2 O canteiro de obra: multidões unidas por um sonho.....	76
5.1.3.3 As condições de trabalho e a exposição para acidentes.....	80
5.1.3.4 A remuneração dos serviços	83
5.1.3.5 Alojamento x moradias.....	85
5.2.3.6 Situação da alimentação nos canteiros de obras.....	88
5.1.3.7 Os meios de transportes na época.....	91
5.1.3.8As demandas e os serviços de saúde.....	95
5.1.3.9 O restrito cenário de lazer.....	99
5.1.3.10 Como foi participar na construção da Capital Federal	100
CONCLUSÃO.....	104
REFERÊNCIAS.....	106
APÊNDICE.....	116
I – Instrumento para a coleta dos dados.....	116
II. – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	117

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Comissão Exploradora Cruls (1894).....	57
Foto 2: JK no dia da posse.....	59
Foto 3: Primeira visita de JK e autoridades no Planalto Central e o marco inicial das obras.....	60
Foto 4: Traçado do Plano Piloto	60
Foto 5: Operários construindo o Catetinho em madeira, a primeira moradia do Presidente na Capital.....	61
Foto 6: Edificações em ferro: Congresso Nacional, Ministérios.....	61
Foto 7: Operários chegando para a construção de Brasília.....	61
Foto 8: Cidade Livre e a Avenida Central.....	63
Foto 9: Final de semana no Núcleo Bandeirante.....	72
Foto 10: Comércio local (1957).....	73
Foto 11: Operários, a força do trabalhado em mãos anônimas.....	75
Foto 12: Operários transportando ferragens.....	76
Foto 13: Operários durante o horário de almoço em meio a terra, ferro e concreto.....	80
Foto 14: Refeitório.....	87
Foto 15: Marco zero – Rodoviária do Plano Piloto (1957).....	88
Foto 16: Plataforma da rodoviária do Plano Piloto (1960).....	90
Foto 17: Transporte de trabalhadores para os canteiros de obra (1959).....	92
Foto 18: Hospital Juscelino Kubistchek de Oliveira (1957).....	95

LISTA DE QUADROS

- Tabela 1:** População Idosa Brasileira por Grupo Etário (2000 – 2050).....36
- Tabela 2:** População Idosa brasileira, Razão de sexos, Participação na População Total e Índice de Idosos por Sexo (1950-2050).....37
- Tabela 3:** Pessoas com 60 anos ou mais – população do Distrito Federal (DF) total e respectiva distribuição por grupo de idade (2000 – 2007).....39

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pirâmide Etária Brasileira em 1970.....	31
Figura 2: Pirâmide Etária Brasileira em 2000.....	31
Figura 3: Pirâmide Etária Brasileira em 2025.....	31

LISTA DE SIGLAS

AVC – Acidente Vascular Cerebral

CNC – Confederação Nacional do Comércio

DF – Distrito Federal

EPI – Equipamento de Proteção Individual

FMI – Fundo Monetário Internacional

GEB – Guarda Especial de Brasília

HJKO – Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JK – Juscelino Kubitschek

NOVACAP – Companhia Urbanizadora da Capital

OMS – Organização Mundial da Saúde

PANAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

RJ – Rio de Janeiro

SESC – Serviço Social do Comércio

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UF – Unidade de Federação

O RESGATE HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA NA MEMÓRIA DOS IDOSOS CANDANGOS

RESUMO

A memória é vital para a preservação e sobrevivência do passado, o resgate das lembranças torna importante para a construção de uma identidade coletiva, na qual a recordação individual tem a função de preservar fatos que o coletivo desconhece. É compreendida como um movimento de renovação e de valorização das vivências de um determinado passado ou período. A pesquisa resgatou as lembranças de experiências de vida, a memória e a oralidade, com objetivo de conhecer o significado da experiência de vida dos imigrantes – candangos que vieram para a construção de Brasília, a partir da compreensão da sua história de vida. Através deste estudo, procurou conhecer os processos históricos que os trouxeram para a futura capital do Brasil. A busca pela memória foi feita a partir de narrativas, construídas e vivenciadas nesse período. Utilizou análise de referenciais bibliográficos, além da utilização da história oral de idosos, o que forma os relatos mais vivos e atraentes, aproximando o passado e o presente. Os resultados demonstraram que os diálogos levaram a conhecer os desejos e as angústias de cada idoso, enfatizou-se a trajetória singular e solitária de cada sujeito durante a construção da capital do País, nos aproximando do foco da nossa investigação, bem como, ratificar a seriedade que foi a construção de Brasília.

Palavras Chave: memória, idosos, envelhecimento, história oral, construção de Brasília.

THE RESCUE HISTORY OF CONSTRUCTION OF BRASILIA IN MEMORY OF ELDERLY CANDANGO

ABSTRACT

Memory is vital to the preservation and survival of the past, the recovery of memories is important for building a collective identity, in which the individual has a memory function to preserve the collective facts known. It is understood as a movement of renewal and recovery experiences of a particular month or period. The search recovered the memories of life experiences, memory and orality, aiming to know the meaning of the life experience of immigrants - laborers who came to build Brasilia, from understanding its life history. Through this study, we sought the historical processes that brought them to the future capital of Brazil. The search for memory was made from narratives, built and lived in that period. We used analysis of bibliographical references, besides the use of oral history of elderly, which form the stories more vivid and compelling, bringing together past and present. The results showed that the dialogues have led to know the desires and anxieties of each senior, emphasized the unique and lonely path of each subject during the construction of the country's capital, approaching the focus of our investigation, as well as ratify the seriousness that was the construction of Brasilia.

Keywords: memory, elderly, aging, oral history, the construction of Brasilia.

INTRODUÇÃO

A inquietação para estudar o envelhecimento decorreu justamente da tendência pessoal e da aproximação com a temática, mas também pela busca da compreensão e do conhecimento para a atenção à saúde dessa população, principalmente pelo ritmo acelerado do crescimento demográfico.

O envelhecimento populacional é hoje uma realidade mundial, característica tanto de países desenvolvidos como em desenvolvimento. O Brasil possui uma população idosa significativa. Nos próximos 20 anos, a população idosa poderá ultrapassar 30 milhões de pessoas e representará 13% do total da população ao final desse período (RAMOS *et al.*, 1993, MAIA; DURANTE; RAMOS, 2004). Esse índice colocar-nos-á no ano de 2025, como a sexta maior população de idosos no mundo. O Censo realizado no Brasil, em 2000, informa que a população brasileira total é de 169.500.000 habitantes e desses, 15,5 milhões têm 60 anos ou mais (GARRIDO; MENEZES, 2002).

Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2002) o envelhecer significa aumentar o número de anos vividos, é uma evolução cronológica, associados os fenômenos de natureza biopsíquica e social, importantes para a percepção da idade e do envelhecimento. Ainda ressalta que, nas sociedades Ocidentais, é normal associar o envelhecimento com a saída da vida produtiva e a inserção em um grupo considerado velhos.

É implexo caracterizar uma pessoa como idosa, apenas utilizando a idade como o único critério. Nesse sentido, necessita-se utilizar vários parâmetros, que

diferenciam os sujeitos entre si, como por exemplo, a idade, o sexo, condições socioeconômicas, educação e o contexto familiar que se insere.

Envelhecemos todos os dias, durante toda a nossa vida. Porém, esse novo conceito de velhice leva em conta o idoso como sujeito existente, vivendo e atuando em seu tempo, em seu presente, estando no mundo, sendo participante em sua comunidade e em sua vida, de forma autônoma, decidida e independente (RIGO, 2005).

Figueiredo *et al* (2007), sublinha que o Brasil ingressou na rota do envelhecimento populacional, sendo cada vez maior o número de idosos, a ponto de já serem mais de 31 mil os brasileiros remanescentes do século XIX, estudiosos estão esperando para o ano de 2020 cerca de 1,2 bilhões de idosos, os quais 34 milhões na faixa etária acima dos 60 anos de idade, tornando-se a sexta população mais velha do mundo, permanecendo atrás de alguns países da Europa. Segundo Organização Mundial de Saúde - OMS (2002) *apud* Araújo; Coutinho; Santos (2006), o Brasil será o sexto país com maior número de pessoas idosas até o ano de 2025, tal questão torna necessário à investigação para melhores condições de saúde e qualidade de vida.

Frente a esses dados, o envelhecimento é um processo de alterações físicas, psíquicas e sociais que determina a maneira individual como cada sujeito viverá sua vida ao longo dos anos. Verifica-se que a velhice não resulta apenas em perdas. Lasca (2003) ressalta que a velhice é uma experiência heterogênea que comporta ganhos e perdas e é determinada por um amplo espectro de variáveis em interação.

É importante entender que a velhice, não deve ser compreendida como envelhecimento, nesse sentido, Monteiro (1998, p. 56):

Enquanto este é um processo natural de transformação do ser humano, através da temporalidade, a velhice é uma produção social e não uma categoria natural. Contudo, essa produção social irá influenciar diretamente o processo de envelhecimento dos indivíduos, pois, ao mesmo tempo em que somos produtores de uma cultura, somos produto dela própria. A velhice é uma construção feita pela sociedade como meio de categorizar os velhos com seus atributos, colocando-os dentro de uma identidade estanque, que permite a todos preverem essa categoria.

Entende-se que o processo de envelhecimento é considerado dinâmico e progressivo, que inclui mudanças funcionais e bioquímicas que ocorrem no nosso organismo. Essas transformações são irreversíveis e concerne a todos os indivíduos, com início após o nascimento, prolongando-se durante a vida inteira.

Néri (2005, p. 115), diz que o envelhecimento é:

O processo de mudanças universais pautadas geneticamente para a espécie para cada indivíduo que se traduz em diminuição da plasticidade comportamental em aumento da vulnerabilidade, em acumulação de perdas evolutivas e no aumento da probabilidade de morte. O ritmo, a duração e os efeitos desse processo comportam diferenças individuais e de pequenos grupos etários, dependentes de eventos de natureza genético-biológico, sócio-histórico e psicológico.

No que se referem à senescência Mancía, Portela, Viecili (2008), destacam que os eventos biológicos ocorrem desde as primeiras alterações morfobiológicas da idade adulta e a partir inicia o declínio total, chegando à morte, sublinham que o início ocorre com mais progressão na metade da segunda década da vida. Os autores evidenciam que o envelhecimento biológico ocorre de forma gradual e natural, devendo ser visto como um processo evolutivo, em que todos os indivíduos são atingidos pelo envelhecimento.

Destaca-se que o envelhecimento não implica em doença e/ou afastamento, o idoso possui potencialidade para modificar as situações de sua vida e a si mesmo. Eles podem se sentirem felizes, atuantes em seu meio social e familiar, muitos voltam a estudar, e sem dúvidas todos possuem condições de buscar formas de chegar a um envelhecimento saudável e bem-sucedido (LUIZ; AMATUZZI, 2008).

Dentre as várias alterações fisiológicas decorrentes do processo de envelhecimento as funções do sistema nervoso central, especialmente de origem neuropsicológicas envolvidas no processo cognitivo, a memória constitui um dos principais alvos de investigação realizada sobre a senescência, sendo que estas alterações podem dificultar a continuidade participativa do sujeito na sociedade (SOUSA, 1996 *apud* SOUSA; CHAVES, 2005). Assim, para Almeida; Beger; Watanabe (2007) a memória desempenha fundamental influência sobre a autonomia e independência para a manutenção da vida diária do idoso. O estímulo mental no idoso é um dos mais importantes princípios para a promoção da saúde.

A primeira averiguação acerca da memória humana foi publicada em 1825 por Ebbinghaus (1850-1909), filósofo e psicólogo alemão, que em 1885 publicou a monografia *Über das Gedächtnis* (Da Memória), baseada no livro *Elementos da psicofísica*. Acreditava que a mente armazena idéias sobre experiências sensoriais do passado e que os eventos que se seguiam um após o outro, no tempo ou no espaço, ficavam associados entre si. Com essa teoria, criou alguns procedimentos de memorização e testes de memória, entre eles o método das sílabas sem sentido, que trouxe importante contribuição à compreensão do fenômeno da memorização (LASCA, 2003).

A memória é uma função da mente que nos permite sermos sujeitos únicos. Através dela guardam-se nossas vivências, sejam elas simples ou complexas e as levamos ao longo de nossa vida. A cognição é o termo empregado para descrever todo o funcionamento mental e que implica nas capacidades de pensar, lembrar, raciocinar, formar estruturas complexas de pensamento, decidir, resolver problemas (LASCA, 2003).

A memória fornece o suporte necessário para que os aspectos multiformes da realidade possam ser percebidos pelos sujeitos que compõem uma formação social, como um conjunto de informações, conhecimentos e experiências logicamente articulados (RIBEIRO, 1999, p. 43).

A memória não obedece a um único sistema, uma miscigenação de sistemas em interação, cada um com capacidade de codificação ou armazenagem de conteúdo e utilização do material através da recuperação da memória. Ao considerar que a memória é um sistema complexo, nós temos memórias, e não memória. Todas elas processam dados de maneira semelhante quanto à gravação, ao registro e à evocação, mas cada memória pode ser considerada um processo de aspectos singulares LASCA (2003).

Nesse sentido, a memória é o fator fundamental para a preservação e sobrevivência do passado, pois a preservação das lembranças tornou-se importante para a construção de uma identidade coletiva na qual a memória tem a função de preservar fatos a muito ocorridos, fatos esses que se tornam, "(...) elemento de construção da identidade coletiva e como demonstração de identidade de grupos, classes e nações (RIBEIRO, 1999, p. 37).

Ao refletir sobre estas questões emergentes na saúde do idoso e a participação da equipe multidisciplinar neste contexto, e fundamentalmente no nosso

existir como profissionais vislumbrados com a profissão possibilitou-se a iniciar esta pesquisa na tentativa de responder as nossas inquietações e também encontrar subsídios para compreender o processo do envelhecimento e a influência da memória na vivacidade mental do idoso, bem como suas especificidades deste processo e a contribuição desta na coletividade. Uma vez que a população idosa vem consideravelmente crescendo a cada ano devido o aumento da expectativa de vida. Procura-se evidenciar que o envelhecimento não implica necessariamente afastamento do idoso da sociedade contemporânea.

Para a construção deste estudo que tem como tema: *O resgate histórico da construção de Brasília na memória dos idosos candangos*. Problematiza-se: *Como as narrativas vão constituindo as memórias dos idosos? E como os lugares ocupados pelos idosos marcam o que memorizam, nos diferentes momentos de sua história de vida?*

O pressuposto deste estudo foi analisar os aspectos envolvidos no processo de envelhecimento, enfocando a memória e sua importância no contexto social, pois a retenção de lembranças está diretamente relacionada com o indivíduo e seu significado na sociedade.

A temática é relevante, pois possibilita aos profissionais e a todas as pessoas que possuem relação com o idoso, conhecer o passado para entender o presente. Além de que, fazer a retrospectiva das vivências dos idosos é sobre tudo conhecer e compreender qual o conceito que recai sobre eles na confiabilidade do tempo, das experiências vividas no passado. Os idosos são indivíduos políticos e detentores de um conhecimento que necessita ser preservado por toda a sociedade, além de evidenciar que o idoso possui sua própria história.

Além disso, sua importância se comprovou, sobretudo, pelo fato de as intervenções de memória poder contribuir para a promoção da saúde e autonomia dos idosos. E colaborando para o desenvolvimento da ciência no campo da geriatria e gerontologia a respeito de treino de memória.

O trabalho utilizou análise de referenciais bibliográficos, além da utilização da História Oral de idosos que vieram para a construção de Brasília, o que forma os relatos mais vivos e atraentes, uma vez que é possível a identificação da realidade social dos idosos e suas diferentes maneiras de lembrarem o passado com base em uma mesma realidade. Esta perspectiva de história oral na qual optou-se, explora as relações entre a memória, história e as narrativas redefinindo as relações entre o passado e o presente.

2. OBJETIVOS

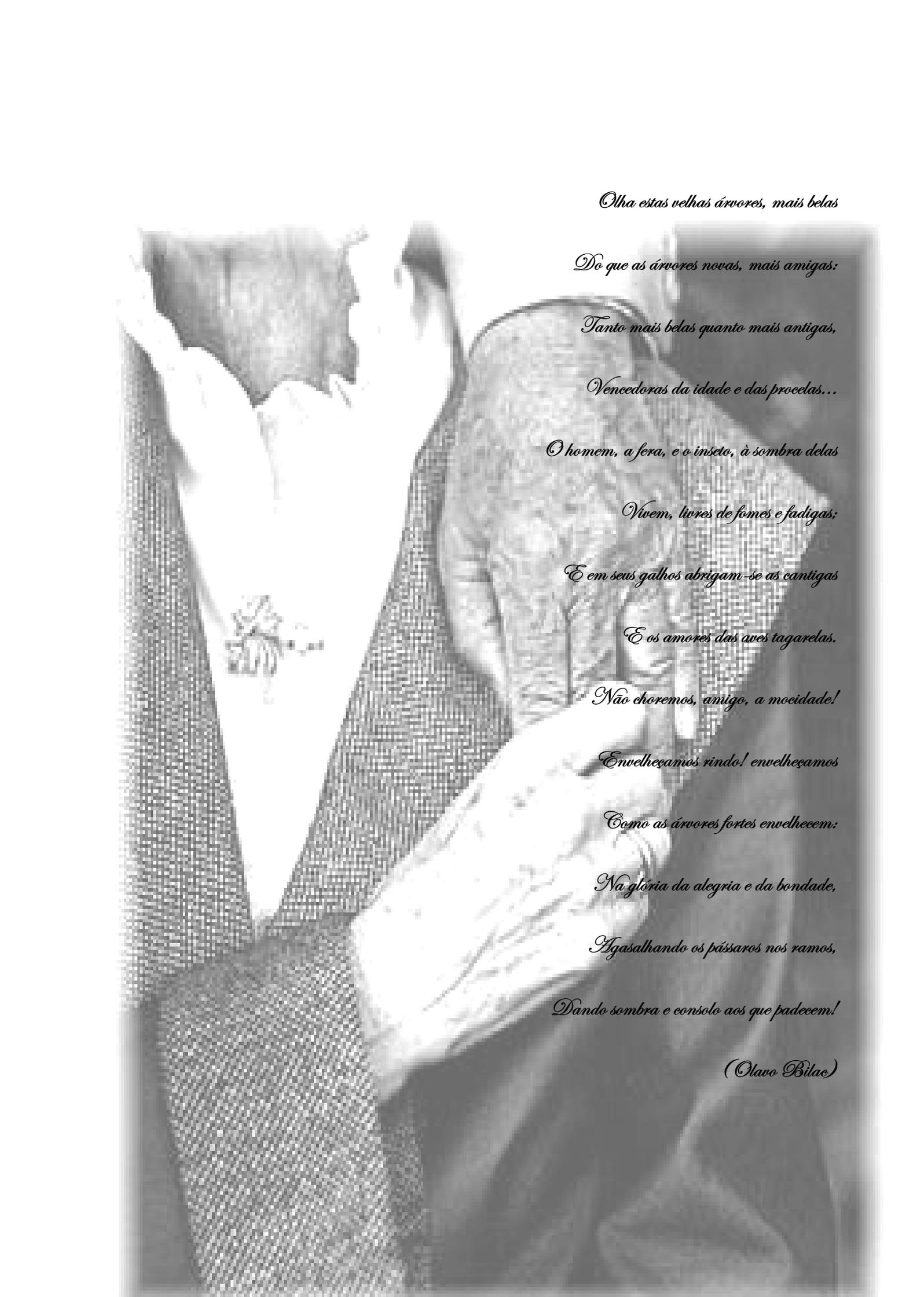
2.1 OBJETIVO GERAL

Instruir-se sobre a história da construção de Brasília a partir da memória dos idosos candangos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Reconhecer a narrativa da história de vida de idosos e seus lugares de memória, suas experiências vivenciadas durante a construção da capital.

2. Verificar os motivos que impulsionaram a migração de seus Estados de origem para Brasília.



Olha estas velhas árvores, mais belas

Do que as árvores novas, mais amigas:

Tanto mais belas quanto mais antigas,

Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas

Vivem, livres de fome e fadigas:

E em seus galhos abrigam-se as cantigas

E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!

Envelheçamos rindo! envelheçamos

Como as árvores fortes envelhecem:

Na glória da alegria e da bondade,

Agasalhando os pássaros nos ramos,

Dando sombra e consolo aos que padecem!

(Olavo Bilac)

3. DISCURSO DA LITERATURA

3.1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

O envelhecimento é algo que já se fazia presente desde a remota história de nossos ancestrais, na última década essa questão vem despertando maior importância social e também no meio científico, devido à progressão do envelhecimento mundial da população. Devido aos aspectos a ela inseparáveis fazem do acontecimento envelhecer uma questão de pesquisa atualmente muito discutida.

Do ponto de vista demográfico, o IBGE (2002) diz que o envelhecer significa aumentar o número de anos vividos e paralelamente as evoluções cronológicas coexistem com fenômenos de natureza biopsíquica e social, importantes para a percepção da idade e do envelhecimento. Nas sociedades ocidentais é comum associar o envelhecimento com a saída da vida produtiva pela via da aposentadoria.

Nesse sentido, pode-se dizer que, “[...] o processo de envelhecimento é inerente à vida, constituindo um fenômeno complexo que afeta o sujeito humano de modo particular” (MAULAZ, 2005, p. 259).

A população idosa vem crescendo mais rapidamente do que a de crianças, a queda da taxa de fecundidade progrediu significativamente e, isso houve a redução da população jovem. Nos últimos 20 anos observa-se que a expectativa de anos vividos tem aumentado, e isso modificou o cenário da família, atualmente, o idoso é um membro ativo no contexto familiar, reduziu seu grau de deficiência física

e mental, e a grande parte desta população assumiu o papel de chefe no âmbito doméstico e provedor de recursos (MONTEIRO; SILVA; PEREIRA, 2005).

Sabe-se que o aumento dos anos vividos, decorre especialmente dos avanços da medicina e na nutrição, vem possibilitando um gradual e progressivo envelhecimento da população mundial (DANTAS, 2002 *apud* VALE, 2005). A pessoa quando chega aos 60 anos, já é definida pela maioria da população como idosa, independentemente do seu estado social, biológico ou psicológico (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Para os mesmos autores, o termo idoso jovem refere-se a pessoas entre 65 a 74 anos, aquelas ativas, os idosos velhos de 75 a 84 anos, ainda classificam como idosos mais velhos aqueles que estão acima de 85 anos, aqueles que apresentam alguma enfermidade e podem possuir dificuldade para desempenhar atividades da vida diária.

Observa-se que algumas pessoas com 60 anos já adquiriram alguma incapacidade, perdem papéis sociais e hábitos, e outras com 85 anos estão ativas, inseridas na sociedade, sendo ainda sujeitos ativos no contexto familiar. É espetacular o desenvolvimento humano, o homem é um processo dinâmico influenciado por diferentes fatores, quer seja, social, saúde, cultura e família.

Luz; Amatuzzi (2008) sublinham que em algumas pesquisas acerca do envelhecimento, surge mais alusão aos aspectos negativos do que sobre os ganhos associados à velhice. Evidenciam que nestes estudos, há maior evidência nas perdas funcionais e cognitivas do envelhecimento, e os ganhos ficam reservados somente na fase inicial do desenvolvimento. Contudo, sabemos que perdas e

ganhos acontecem em todas as fases do processo de vida, embora na velhice ocorram mais perdas, devido ao processo natural da senescência.

As mudanças inerentes do processo de envelhecimento não são homogêneas na população, diz ainda que, a idade cronológica é apenas uma referência do processo, e não pode ser considerada como variável causal. Colabora ao afirmar que, as alterações decorrentes do processo de envelhecimento são influenciadas por fatores genético-biológicos e sócio-culturais em interação (LASCA, 2003). A etapa da vida que compreende como velhice, só pode ser caracterizada a partir da relação que se estabelece entre os diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos, culturais e sociais (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

O envelhecimento intrínseco (a partir da própria pessoa) refere-se àquelas alterações provocadas pelo processo normal de envelhecimento, as quais são geneticamente programadas e quase universais dentro da espécie (SMELTZER; BARE, 1996, p. 144).

Parafraseando Bruneli; Trindade; Abreu (2005) as células envelhecem com velocidades diferentes e variam de pessoa para pessoa. Outras modificações importantes, que se pode apresentar, são as morfológicas e funcionais, há o aumento do diâmetro ântero-posterior do tórax e a redução no diâmetro transversal. Além disso, ocorre à redução da massa celular e muscular, no idoso o músculo torna-se degenerado e diminuem de volume.

Ocorrem também alterações nas cartilagens articulares, e torna-se delgada com presença de rachaduras na superfície. Com a idade avançada, o sistema ósseo torna-se mais poroso e delgado. Além disso, o volume e o peso do cérebro reduzem ocasionando atrofia cerebral. A perda auditiva e visual vai progressivamente até a sexta década, e exacerbam após os oitenta anos de idade.

Com o envelhecimento, ocorrem alterações cardiovasculares, as reservas cardíacas reduzem, o que gera a diminuição no consumo de oxigênio e o coração aumenta de peso, além disto, as válvulas aórticas se espessam (BRUNELI; TRINDADE; ABREU, 2005).

Smeltzer; Bare (1996, p. 144), assim se expressam:

A doença cardíaca é uma causa importante de morte no idoso. As válvulas cardíacas tornam-se mais espessas e rígidas, e o músculo cardíaco e as artérias perdem sua elasticidade. (...) A disfunção cardiovascular pode manifesta-se como arritmias cardíacas, insuficiência cardíaca congestiva, doença coronariana, arteriosclerose, hipertensão, claudicação intermitente (dor na perna causada pela deambulação), infarto do miocárdio, doença vascular periférica, hipotensão ortostática ou acidentes vasculares cerebrais (derrames).

Ainda de acordo com os autores, o processo de envelhecimento, o sistema digestório sofre modificações, após os 65 anos o peso do fígado diminui, a cavidade oral torna-se frágil, o pâncreas diminui e torna-se mais leve. Todo o sistema endócrino e o imunológico são alterados. Nesse sentido, observa-se que no processo do envelhecimento é possível verificar mudanças no desempenho cognitivo, as quais tendem a declinar mais lentamente e em menor grau do que as capacidades físicas, mas não acarretando prejuízo na vida do idoso.

O envelhecimento intrínseco refere-se aquelas alterações provocadas pelo processo normal de envelhecimento, que são de acordo com a genética de cada espécie. Nesse dinâmico processo de mudança vital, os autores evidenciam que o envelhecimento também sofre influências externas, ou seja, enfermidades, poluição, luz solar, entre outros que aceleram o processo de envelhecimento. É válido lembrar que o processo anormal do envelhecimento pode ser evitado através de ações de cuidado à saúde (MANCIA, PORTELA, VIECILI, 2008).

Ao considerar que o envelhecer é um processo dinâmico e evolutivo, precisa-se entender que essa sucessão de modificações exige do idoso uma série de adaptações e de sua participação, quer seja na busca ou na preservação da autonomia e das suas capacidades físicas. Para se ter um envelhecimento saudável é necessário ter um equilíbrio entre a mente, o corpo e o espírito.

A velhice não é um problema, porém o medo de envelhecer faz com que este processo seja uma fonte ansiedade e estresse, repercutindo na saúde do idoso. Observa-se que o medo da velhice é como o idoso vê e se vê diante do mundo e das transformações que ocorrem na sociedade (JUNIOR, 2008).

O significado do envelhecimento ocorre a partir da relação do eu e da sociedade. À medida que o sujeito envelhece, na maioria das vezes sente-se excluído, não valorizado pela sociedade e família. Essa visão faz estabelecer barreiras e sua avaliação do ser ou estar velho difunde expectativas negativas que fomentam estereótipos que afetam sua interação social (MANCIA; PORTELA; VIECILI, 2008).

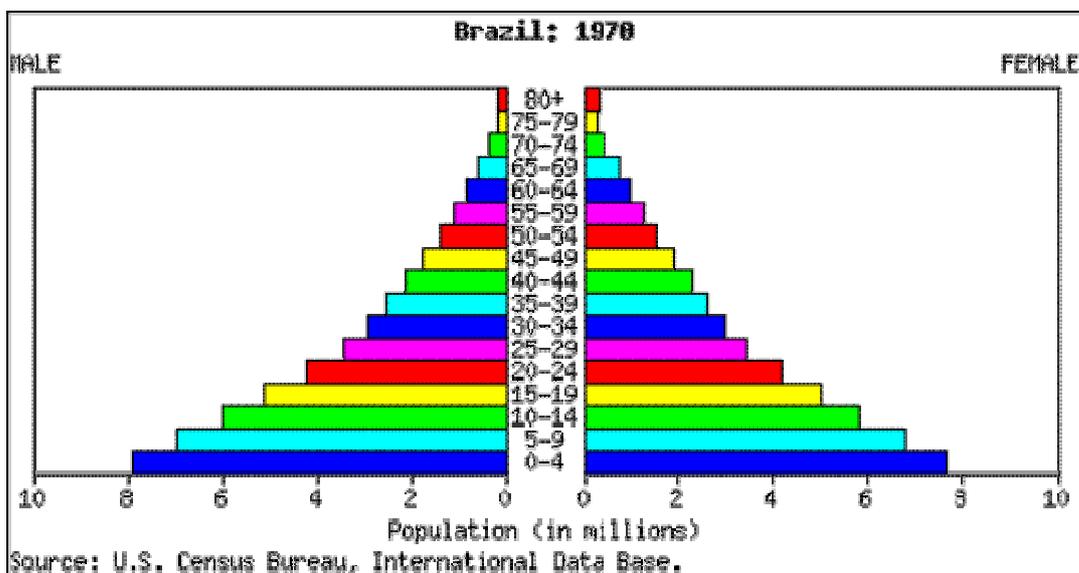
3.2 CENÁRIO DA POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL

O aumento da população mundial idosa é um acontecimento que vem destacando com mais amplitude nas últimas décadas nos países em desenvolvimento. Nos próximos 20 anos a população idosa do Brasil poderá superar os 30 milhões de pessoas e deverá representar quase 13% da população ao final

deste período, e no mundo, em 2050, um quinto da população será de idosos (SOUZA; CHAVES, 2005). No Brasil, na década de 1970, aproximadamente 4,95% da população brasileira era de idosos, havendo na década de 1990 um aumento de 8,47%, com expectativa de 9,2% para 2010 (SIQUEIRA; BOTELHO; COELHO, 2002).

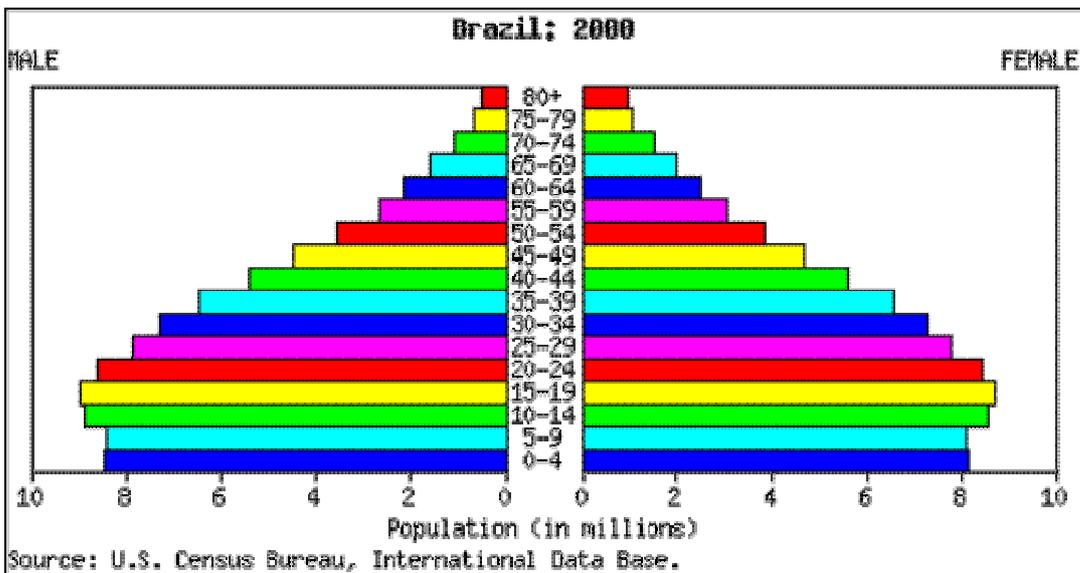
O crescimento populacional de idosos é um fenômeno mundial, e está acontecendo a um nível sem precedentes. Em 1950, eram cerca de 204 milhões de idosos no mundo e, em 1998, quase cinco décadas depois, este efetivo alcançava 579 milhões de pessoas, um crescimento de quase oito milhões de pessoas idosas por ano. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1900 milhões de pessoas. De acordo com Veras (2009, p. 42) hoje o Brasil é um "jovem país de cabelos brancos" (IBGE, 2002).

Figura 1: Pirâmide Etária Brasileira em 1970.



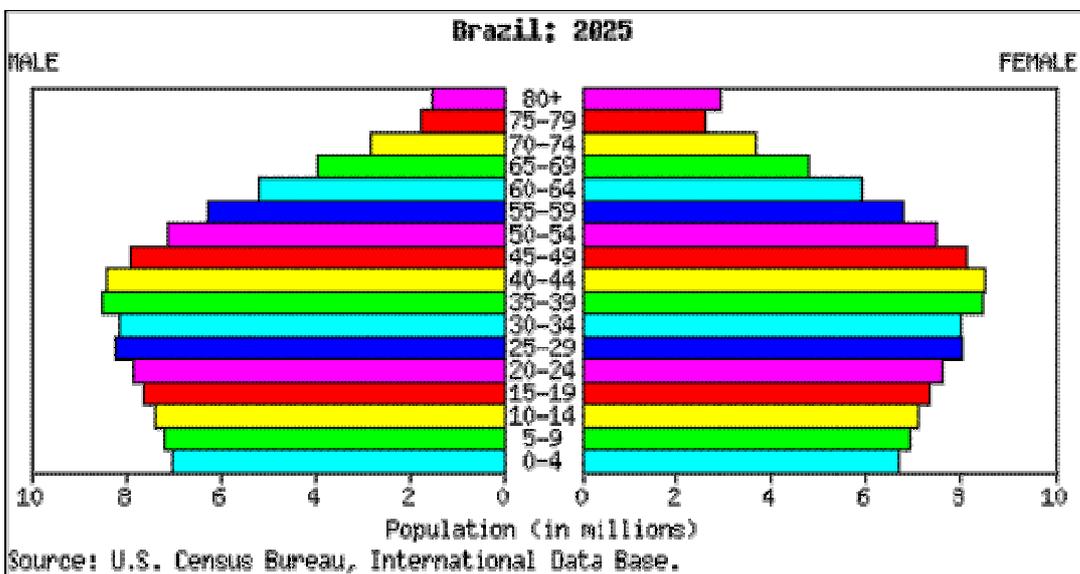
Fonte: Coutrim, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.unati.uerj.br>>. Acesso em: 14 jun 2010.

Figura 2: Pirâmide Etária Brasileira em 2000.



Fonte: Coutrim, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.unati.uerj.br>>. Acesso em: 14 jun 2010.

Figura 3: Pirâmide Etária Brasileira em 2025.



Fonte: Coutrim, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.unati.uerj.br>>. Acesso em: 14 jun 2010.

Percebe-se nas figuras 1, 2 e 3 que a forma piramidal original se transfigura gradualmente ao longo dos anos para uma forma mais quadrada, processo semelhante ao de países ricos. Ao se comparar a década de 1970 com

2025, é possível visualizar que, no primeiro caso, as crianças representam o maior contingente populacional, enquanto que no segundo as faixas mais representativas são as de 35 a 40 anos e 40 a 44 anos. Além disso, há também um aumento expressivo dos grupos etários acima de 60 anos, com sobrevida das mulheres (COUTRIM, 2006).

No último cadastro publicado pelo IBGE divulgou que o país está envelhecendo muito rápido, o Brasil já está em 6º país do mundo com a maior população de idosos, é mais de 14,5 milhões de brasileiros com mais de 60 anos, isso perfaz um percentual de 7,9% da população total. Outros aspectos importantes para esclarecer é que desde 1950, a esperança de vida ao nascer em todo o mundo aumentou 19 anos. Atualmente, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais; para o ano de 2050, estima-se que será de um para três para no mundo desenvolvido. Ainda conforme, as projeções realizadas pelo IBGE, o número de centenários aumentará 15 vezes, de aproximadamente 145 000 pessoas em 1999, para 2,2 milhões em 2050 (IBGE, 2002).

Moreira (2000) ressalta que as projeções da população, por grupos de idade, até o ano de 2050, sublinha que entre 2000 a 2050, a população jovem continuará a diminuir, ocorrendo um declínio no percentual da população adulta, e conseqüentemente a intensificação do envelhecimento nacional.

Em todo o mundo, visualiza-se uma queda expressiva da taxa de fecundidade (2,1 crianças por mulher), e o aumento da longevidade nas últimas décadas. Hoje, 70 países já possuem percentual de fertilidade menor que o nível de reposição, sendo que em 1975 apenas eram 22 países possuíam este índice (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Além disso, Moraes; Rodrigues; Gerhardt (2008) ressaltam que existem previsões de que os idosos serão responsáveis por quase 15% da população total em 2020, ainda referem que a dimensão da população de 80 anos e mais, igualmente está aumentando, desfigurando a composição etária dentro do próprio grupo. Atualmente existem cerca de 17 milhões de idosos no Brasil, e destes, 12,8% possuem mais de 80 anos de idade. Os idosos com 80 anos ou mais somam 1,1% da população brasileira.

O IBGE apresenta em estudos realizados entre o período de 1991 a 2000, o aumento de 61% no número de chefes de família com mais de 65 anos, que mantinham a responsabilidade de cuidar dos netos, esse fato, demonstra o cenário atual, traduz claramente as transformações nas estruturas familiares, que passam a contar com a participação dos idosos (JUNIOR, 2008).

Para Carvalho (2006) algumas são as razões para a elevação do índice da população idosa. O movimento migratório para as áreas urbanas proporcionou melhoras nas condições nutricionais, sanitárias, ambientais no trabalho e na moradia e elevação dos níveis de higiene pessoal. Essa situação propiciou o aumento na expectativa de vida e, o crescimento da população idosa.

Sobretudo com a entrada de estrangeiros, no final dos séculos XIX e XX, no Brasil, a redução das taxas de fecundidade e a diminuição da mortalidade geram maior expectativa de vida, e levam a nova configuração da população no país. Surge, a transição epidemiológica, definida pelo declínio das doenças infecto-parasitárias e aumento das doenças crônicas não-transmissíveis (RODRIGUES, 2007).

As atuais pesquisas têm possibilitado a prevenção e cura de doenças que antes eram fatais, o que reduziu a mortalidade, aumentou a esperança de vida e, elevou a taxa da população idosa, mesmo em países em desenvolvimento, onde o acesso aos serviços médicos é restrito. A existência de fatores relacionados à saúde, eventos biológicos e ao modo de vida do indivíduo como possíveis determinantes da taxa de envelhecimento cognitivo (SOUZA, CHAVES, 2005).

O aumento na expectativa de vida caracteriza-se como um processo em andamento desde o início da existência humana. No século XIV, por exemplo, período de muitas batalhas e de estrutura de saneamento básico ainda incipiente, a perspectiva de vida era baixíssima. As doenças espalhavam-se com grande facilidade, diminuindo ainda mais a expectativa de vida. Completa ao sublinhar que, “O envelhecimento tornou-se um fenômeno de massa, que influencia diretamente a pirâmide populacional” (JUNIOR, 2008, p. 17).

Junior (2008) destaca que a população está envelhecendo e com ela cresce a necessidade de se repensar o papel do idoso dentro da sociedade, tanto no que se refere à criação de políticas públicas quanto no processo de retomada da valorização dos idosos.

Pressupõe-se de acordo com, Junior (2008), que o aumento da população idosa está provocando interesses econômicos voltados a esse grupo. Isso pode contribuir positivamente para a composição da imagem valorizada do idoso, nesse novo cenário, a representação social do idoso está em completa estruturação.

Entende-se, de uma maneira global que, para que esse momento de construção, seja efetivado, necessita ter mediadores nos diversos tempos. Não se pode deixar de lado, a aceitação de como os idosos se posiciona, vêm e são vistos

pelo restante da população já que esses modelos atuais de organizações sociais podem fornecer pistas sobre a constituição de uma identidade social merecida.

Diante dessas considerações, pode-se perceber que o envelhecimento da população traz grandes conseqüências e repercussões sobre as políticas sociais. A conclusão coerente disto é que a sociedade deve se preparar, através de reformas para conviver, em um futuro não distante, com condições de assistir à demanda específica da população idosa.

Observa que entre 2000 e 2050, as pessoas acima de 70 anos aumentarão no contingente de idosos em 6,8 pontos, passando de 61,7% para 68,5%. , esse aumento que é menor do que aquele percebido na população acima de 80 anos que passará para 50% no contingente (MONTEIRO, SILVA, PEREIRA, 2005)

Tabela 1: População Idosa brasileira por Grupo Etário (2000-2050)

Grupos etários (acumulados)						
Anos	65 e mais		70 e mais		80 e mais	
	Valor absoluto	Proporção (%)	Valor absoluto	Proporção (%)	Valor absoluto	Proporção (%)
2000	8.709	100,0	5.371	61,7	1.219	14,0
2010	11.987	100,0	7.507	62,6	1.865	15,6

2020	17.854	100,0	10.798	60,5	2.763	15,5
2030	26.581	100,0	16.664	62,7	4.179	15,7
2040	34.183	100,0	23.081	67,5	6.606	19,3
2050	42.243	100,0	28.916	68,5	9.263	21,9
b) Taxas de crescimento médio anual (%)						
Período	65 e mais	70 e mais	80 e mais			
2000/10	3,19	3,35	4,25			
2010/20	3,98	3,64	3,93			
2020/30	3,98	4,34	4,14			
2030/40	2,52	3,26	4,58			
2040/50	2,12	2,25	3,38			

Fonte: United Nations, 1999, In: Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em dez 2007.

Entre 2000 e 2050 os brasileiros com mais de 60 anos aproximadamente quintuplicariam em termos absolutos, e, na medida em que se contemplem grupos etários mais velhos, maior seria o compasso de aumento. O quantitativo de idosos

com 70 anos e mais seria multiplicado por quase sete vezes; o que deverá ser inferior àquele da população maior de 80 anos, que se multiplicaria em quase oito vezes e ampliaria sua participação para mais de 20% dentro da população idosa. As elevadas taxas de crescimento, para períodos posteriores a 2020 nas idades acima de 70, serão produto do efeito combinado da alta fecundidade do passado e dos ganhos de mortalidade que se espera para estas idades (MOREIRA, 2002).

Tabela 2: População Idosa brasileira, Razão de sexos, Participação na População Total e Índice de Idosos por Sexo (1950-2050).

Anos	População de idosos (em mil)		Razão de sexos (%)	Proporção no total de População (%)		Índice de Idosos (%)	
	Homens	Mulheres		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1950	715	891	80,2	2,7	3,3	6,3	8,0
1960	1.068	1.315	81,2	2,9	3,6	6,7	8,4
1970	1.614	1.918	84,2	3,4	4,0	7,9	9,5
1980	2.378	2.677	88,7	3,9	4,4	10,2	11,6
1990	2.886	3.505	82,5	3,9	4,7	11,1	13,8

2000	3.790	4.919	77,0	4,5	5,7	15,2	20,4
2010	5.094	6.893	73,9	5,4	7,1	20,7	29,0
2020	7.509	10.345	72,7	7,3	9,7	30,1	43,1
2030	11.105	15.476	71,8	10,1	13,4	44,8	65,1
2040	14.131	20.052	70,4	12,3	16,5	56,8	84,2
2050	17.560	24.683	71,2	14,8	19,7	70,1	103,0

Fonte: United Nations, 1999, In: Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em dez 2007.

Os dados indicativos ao Brasil (Tabela 2) mostram o progresso das diferenças entre homens e mulheres idosos, ao longo do período 1950-2050. Percebe-se que o efetivo de mulheres idosas existente em 1950 é visível e deverá aumentar consideravelmente e progressivamente até 2050, resultando 55,5% das idosas, o que significa maior distancia entre ambos os sexos (MOREIRA, 2002).

Figueiredo *et al* (2007), vale lembrar que ocorre uma heterogeneidade entre os sexos, as mulheres constituem a maior parcela da população mundial de idosa, relação que se apresenta nos países desenvolvidos, pela razão do grande número de homens mortos durante a Segunda guerra Mundial.

3.3 A PRESENÇA DO IDOSO NO DISTRITO FEDERAL

O Distrito Federal (DF) era pouco habitado até a década de 50 quando ocorreu o fluxo migratório, deslocando operários jovens para a construção de Brasília. No ano 2000, 5,3% da população era idosa, e desta população há um ascendência da população idosa urbana, onde a maioria é mulher. Existem aproximadamente, 177.000 idosos na capital (Conselho dos Direitos do Idoso do Distrito Federal - CDI/DF, 2009). Na tabela abaixo se observa a realidade desta população com 60 anos ou mais.

Tabela 3: Pessoas com 60 anos ou mais – população do DF total e respectiva distribuição percentual, por grupo de idade (2000-2007).

Ano	Total (DF)	Total - Idoso		Grupos de Idade (%)				
		Absoluto	Relativo	60/64 a	65/69 a	70/74 a	75/79 a	80 ou +
2000	2.051.146	109.638	5,3	2,1	1,3	0,9	1,1	
2001	2.112.609	104.547	4,9	1,7	1,3	0,9	0,4	0,5
2002	2.156.458	123.433	5,7	2,5	1,3	0,9	0,5	0,5
2003	2.200.238	141.486	6,4	2,5	1,6	1,1	0,6	0,7

2004	2.291.475	140.766	6,1	2,3	1,6	0,9	0,6	0,6
2005	2.337.078	149.559	6,4	2,1	1,7	1,1	0,8	0,7
2006	2.393.000	158.000	6,6	2,4	1,5	1,2	0,8	0,7
2007	2.444.000	177.000	7,2	2,5	2,1	1,3	0,7	0,7

Fonte: Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em nov. 2007. Censo Demográfico 2000; IBGE. Síntese de Indicadores Sociais, 2001/2006; IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira, 2007/2008.

Com relação à escolaridade, os idosos do Distrito Federal representam um número significativo, comparando ao restante das outras regiões brasileiras. A capital federal possui melhor grau de instrução entre a população idosa. Partindo deste princípio, a presença do idoso como membro ativo no contexto familiar, cada vez mais é incluído no orçamento familiar, no DF 24,2% das residências com um idoso, este contribui com aproximadamente com 50% a 90% para as despesas mensais no domicílio. Devido o prolongamento da esperança de vida do idoso, no DF é a porcentagem mais elevada do Brasil, a população idosa por sua vez vive em média até 75,3 anos, vale ressaltar que a mulher possui a expectativa de vida maior do que os homens, ou seja, elas vivem até 79,2 anos (CDI/DF, 2009).

3.4 FISILOGIA DA MEMÓRIA

Sabe-se que as regiões integradas à memória estão situadas no sistema límbico e nas áreas corticais, de acordo com a autora as informações da memória remota ou permanente são armazenadas no neocórtex e a recente em regiões límbicas, específicas em reter e consolidar as informações novas. O hipocampo é importante no armazenamento de novos saberes, além disso, sublinham que a memória de habilidade motora está intimamente relacionada com o cerebelo e ao corpo estriado, assim como, a relação do giro parahipocampal e da amígdala na memória de aprendizado (LACAVA, 2006).

O envelhecimento normal é acompanhado de decréscimo no número de neurônios, sendo observada maior perda no hipocampo. Ademais, estudos concluíram que, mais do que a perda neuronal, a retração do corpo celular de grandes neurônios, o aumento relativo da população de pequenos neurônios e o adelgaçamento da espessura cortical são as alterações mais importantes que podem ter impacto na memória (LACAVA, 2006, p. 513).

As lembranças são causadas por alterações das transferências sinápticas de um neurônio a outro, estas alterações percorrem vias alternativas fazendo novos circuitos neurais. Essas novas vias são denominadas de traços de memória, esses uma vez estabelecidos e ativados pela mente humana reproduzem a memória. Além disso, apesar da associação freqüente da memória como algo positivo, a maior parcela é constituída por memória negativa (GUYTON e HALL, 1996).

De acordo com os autores acima, se a nossa mente reporta-se de todas as informações vivenciadas e aprendidas ao longo da vida, a capacidade de armazenamento do cérebro iria exaurir, entretanto, o cérebro possui a habilidade de ignorar as informações que não tem conseqüências, este ato de inibição chama-se de habituação, evidenciando a memória negativa. No entanto, as informações que causam efeito importante, como a dor ou a felicidade, o cérebro tem a capacidade de armazenar, o que resulta na memória positiva.

Existem, três teorias da memória: as etapas da memória, os sistemas de memória e os recursos da memória. No entanto, a teoria das etapas da memória assinala a fase de codificação, de armazenamento e de recuperação da informação. A codificação é a percepção desta, enquanto que o armazenamento versa a manutenção da formação, e finalmente a recuperação é a recordação armazenada. A teoria dos sistemas de memória divide a memória em: memória sensorial, de curto prazo e de longo prazo. A teoria fundamentada nos recursos da memória esclarece os processos cognitivos de memorização, a partir da velocidade do processo mental da informação, da capacidade da memória de curto prazo ou da habilidade de inibir o processamento mental da informação irrelevante. Por isso existem pessoas que processam mais informação do que outros devido à velocidade de processamento mental (CARVALHO, 2006).

Lacava (2006), explica também que o processo de formação da memória acontece por três estágios: o primeiro estágio, após o registro da informação ela é conduzida ao cérebro através de sensores até o córtex sensorial primário. No segundo estágio acontece a retenção e o armazenamento das informações mediante repetições. O último estágio, a recuperação, ocorre o resgate destas informações de maneira voluntária. Corroborando com a autora acima, a estrutura da memória é caracterizada em memória sensorial, de curto prazo e a memória de longo prazo. Sabe-se que a memória pode permanecer por segundos, horas, dias, meses e anos. Com o envelhecimento a memória de curto prazo é a mais afetada.

A memória sensorial é um elemento fundamental no processamento da percepção, principalmente a partir da visão e da audição, a informação é processada para uma fase de armazenamento posterior, que pode durar somente frações de segundos. Esta armazena brevemente, e uma vez processada, essas informações

são conduzidas para a memória de curta duração sob a configuração de palavras, imagens ou números (CARVALHO, 2006).

A memória sensorial corresponde ao registro inicial que fazemos de enorme quantidade de informações captadas pelos nossos sentidos durante a vigília. Esse registro pode ser visual, auditivo, tátil, olfativo, gustativo e proprioceptivo. O traço de memória sensorial desaparece quase que imediatamente, e somente permanecerá no sistema se receber atenção ou interpretação, quando será transferido para a memória de curto prazo (YASSUDA, 2002, p. 916).

Evidencia-se que a memória de curto prazo é “exemplificada pela nossa memória de sete a dez algarismos de cada vez (ou sete a dez outros fatos discretos) por alguns segundos a alguns minutos de cada vez, mas durando apenas enquanto a pessoa continua a pensar nos números ou fatos” (GUYTON E HALL, 1996, p. 428). Carvalho (2006) enfatiza que a memória de curto prazo igualmente identificada como memória imediata é o armazenamento da informação na mente humana por um breve período de tempo. Os indivíduos utilizam a memória imediata, por exemplo, quando perguntam o número de telefone a alguém e têm que conservá-lo o tempo suficiente para discá-lo.

A memória de curto prazo é descrita como o centro da consciência humana, pois abriga nossos pensamentos e as informações a que estamos dando atenção no momento. Entende-se que a capacidade da memória de curto prazo é limitada, podendo processar até sete itens simultaneamente, por um tempo limitado, estimado por volta de 20 segundos. Após esse período, a informação é descartada ou é transformada em memória de longo prazo através de múltiplas repetições ou associações (YASSUDA, 2002, p. 916).

Ainda para Yassuda (2002), a memória de curto prazo é subdividida em memória primária e memória operacional, a memória primária é a capacidade de conservação passiva de alguns poucos itens na memória. Enquanto, que a memória operacional é a memória ativa, responsável pela capacidade de manter as informações na memória e ao mesmo momento conseguir decidir qual a melhor decisão a ser tomada.

A memória a longo prazo dos fatos antigos que já foram incorporados e consolidados não sofre, ao contrário, senão poucas modificações com a idade. Decorre daí essa capacidade extraordinária das pessoas idosas de narrar acontecimentos da infância ou da juventude com uma precisão que causa espanto (FORETTE, 1998, p. 87).

A memória de longo prazo é constituída pela memória declarativa e a memória não declarativa. A memória declarativa é uma memória como se fossem arquivos de informações sobre pessoas, lugares e todos os eventos vivenciados no dia-a-dia. Como parte integrante da memória declarativa, observa-se a memória semântica, utilizada para apresentar uma parcela da memória declarativa usada para gravar conhecimentos organizados do mundo, ou seja, não precisa lembrar-se de nenhum evento passado, somente conhecer as associações, por exemplo, o conhecimento de português, datas históricas, entre outras são informações que normalmente se encontram associadas à memória semântica (CARVALHO, 2006). Para Yassuda (2002) a memória de longo prazo é a capacidade de manter gravadas as informações por longos períodos de tempos, destaca também que se apresenta bastante estável e pouco atingida pelo processo de envelhecimento.

3.5 A MEMÓRIA X ENVELHECIMENTO

A memória é uma função inerente da mente do homem que possibilita sua identificação como indivíduos singulares no mundo. Por meio da memória conservam-se as vivências simples ou complexas, conduzindo-as ao longo de nossa vida a fim de somar com as novas experiências e novos momentos (LASCA, 2003). Aborda uma função mental, ou seja, o de recordar, armazenar e reelaborar histórias

do passado, em contínua relação com os valores culturais, como família, religião, arte, sociedade, etc. (MARIANO, 2005).

A memória é uma extraordinária função cognitiva, e se relaciona com outras funções como linguagem e atenção, ela é um importante elo entre as experiências individuais de cada ser e o conhecimento que se tem sobre o mundo físico e social. Exclusivamente o homem possui o sistema de memória, que lhe permite codificar, reter e associar conhecimento (CARVALHO, 2006).

Ela depende do relacionamento que o sujeito possui com a família e a sociedade, para a autora, lembrar não é viver, mas sim repassar fatos do passado com os acontecimentos atuais. A memória não é apenas um sonho, mas um trabalho, de renovação e conservação do passado. O indivíduo mantém intactas as lembranças e imagens do já vivido, porém pode modificá-las de acordo com as condições de seu desenvolvimento, ou seja, a memória conserva o passado do ser na maneira que lhe é mais agradável para si (CALDAS, 1997).

A diminuição da memória é uma queixa freqüente dos idosos, devido a essa dificuldade, comumente ela é associada como se fosse uma característica própria do envelhecimento, ou seja, a “caduquice” ou a “esclerose”. No processo do envelhecimento, há uma diminuição gradual e normal das funções cognitivas e junto está a memória. A perda da memória é relatada por dois terços dos idosos, sendo que a metade destes possui a perda da capacidade funcional (LACAVA, 2006).

Carvalho (2006), uma das distintas modificações que acontecem ao longo do envelhecimento e que mais chamam a atenção nos idosos acima de sessenta anos é a de memória, alguns idosos com queixas de memória relatam ter problema para lembrar episódios recentes.

No que tange às alterações no envelhecimento normal, as diferenças individuais também variam em função das tarefas específicas de memória exigidas em situações de laboratório e na vida cotidiana. É certo que, tanto na velhice normal quanto na patológica, é importante observar o grau de estruturação do ambiente e as exigências do contexto no qual o idoso está inserido e onde deve realizar tarefas de memória. Muitos idosos podem não lembrar datas e compromissos porque não saem de casa ou porque não têm o hábito de manter agenda e de olhar calendário. Muitos ficam confusos simplesmente porque não têm estímulo para buscar atividades interessantes ou prazerosas (LASCA, 2003).

A memória é compreendida como um movimento de renovação e de valorização das vivências de um determinado passado. “A memória se tornou um dos principais temas escolhidos pelos pesquisadores, pois a mesma favorece a reconstrução de nossa história, invadindo espaços até então proibidos” (MARIANO, 2005, p. 15). Dessa forma alguns historiadores produziram textos sobre como trabalhar a memória e qual o significado individual e coletivo da memória na reconstrução de um determinado tempo histórico. Nesse sentido, a memória é uma habilidade de reter e usar as informações acerca do mundo e das experiências (LACAVA, 2006).

A probabilidade de viver muitos anos, trouxe para a sociedade um desafio, a qualidade de vida na velhice depende das condições que ela encontrou ao longo de sua vida. Pode-se observar que algumas pessoas conseguem envelhecer relativamente bem, conseguem elaborar as transformações em seu organismo e conviver com elas, outras tendem a enfrentar esse período com algum conflito, o desânimo, a depressão, o medo e o afastamento social podem estar presentes nessa fase (FERREIRA; PINTO; OLIVEIRA, 2008).

Autores acima observam que, devido ao desânimo e ao confinamento, o idoso adota um novo estilo de vida, e aos poucos vai perdendo o contato com a sociedade e a família, isso leva a perda da estimulação cognitiva.

A interação familiar é de suma importância para o bem-estar do idoso, a família deve ajudar o idoso a viver melhor e com qualidade. Ainda o autor ressalta que a família é um sistema ativo em constante transformação, devendo acompanhar as transformações que acontecem com o idoso no avançar do tempo (LUZ; AMATUZZI, 2008).

Os autores evidenciam que para o idoso este afastamento é normal, pois acredita que não necessita pensar, além disso, deixa de ter motivação para exercer tarefas físicas e manuais. Com pouca atividade e sem nenhuma motivação, inicia a fase do esquecimento, deixa de lembrar datas, nomes, lugares, e o idoso observa que está perdendo a memória. A “Memória é a aquisição, conservação e resgate de informações. É a capacidade de aprender coisas novas, relacioná-las com informações já adquiridas, retê-las e utilizá-las quando necessitarmos”, no idoso o estímulo de resgatar a memória deve estar presente todos os dias de sua existência, permitindo sua participação junto à família (FERREIRA; PINTO; OLIVEIRA, 2008, p. 312).

Com o envelhecimento e a falta de estimulação, ocorre no idoso o enfraquecimento das funções cognitivas, por exemplo, a memória, fica mais difícil com o passar da idade evocar a memória, e por esta razão, é fundamental ajudar o idoso memorizar aquilo de que necessita lembrar, como nomes das pessoas, endereço, datas, lugares e aniversários (LACAVA, 2006).

A capacidade mental pode ser estimulada e até mesmo readquirida, quando a perda for originada por fatores externos, bem como pela falta de atividade e estímulos da memória. O exercício diário da mente promove não perda da

memória e que as atividades de estimulação mental contribuem na prevenção do déficit cognitivo. Ainda de acordo com os autores, o processo da velhice bem sucedido depende da adoção de três fatores essenciais de promoção à saúde, ou seja, evitar doenças, incapacidades, manter nível de capacidades mentais e encorajar o engajamento com a vida (ALMEIDA; BEGER; WATANABE, 2007). Para Lasca (2003) a manutenção da memória é uma preocupação de alta prioridade para geriatras e gerontólogos, pois dentre outras coisas, ela ajuda a manter o idoso ativo e independente.

À medida que a idade progride, nossas lembranças se acumulam ao longo da vida, estas lembranças não estão avulsas, elas se organizam, desde a infância, passando pela adolescência e avançam por toda a nossa vida, até atingir a velhice, essas recordações ocupa na memória do idoso, uma carga significativa de experiências.

A memória fornece o suporte necessário para que os aspectos multiformes da realidade possam ser percebidos pelos sujeitos que compõem uma formação social, como um conjunto de informações, conhecimentos e experiências logicamente articulados (RIBEIRO, 1999, p. 43).

Destaca-se que, para a sociedade muitas vezes lembrar o passado, o idoso gera um ambiente desconfortável, uma vez que, o excesso de suas experiências pode criar reclamações ou protestar algo dentro do contexto familiar, que atualmente não é mais utilizado. Pois a sociedade evolui de maneira muito rápida, e diante dessas transformações alguns conceitos que o ontem era aceitos e praticados, hoje é passado e não possui o mesmo valor de antes.

Rigo (2005) diz que o idoso infelizmente é aquele que, em nossa sociedade, não tem mais nada a fornecer, suas experiências ficaram no passado e

seu futuro é a senilidade. Essa é uma questão de tempo, e esse tempo é curto, muito curto. Cabe a esse indivíduo aguardar pacientemente pela perda iminente de memória e das forças físicas, bem como pela vinda da solidão e da doença.

4. CAMINHO TEÓRICO - METODOLÓGICO

4.1 MÉTODO

A pesquisa utilizou-se de métodos para alcançar afirmações que foram apresentadas como válidas. O entendimento de método “como o conjunto de etapas e processos a serem ultrapassados ordenadamente na investigação dos fatos ou na procura da verdade”. Diz ainda que propicia o controle da busca do conhecimento, além de delimitar o campo da pesquisa, completa ainda, ao falar que com o método é possível descobrir a regularidade que existe nos fatos (CRUZ, 2004, p. 45).

O método não surge de forma desorganizada ou aleatória, ele é o resultado de um questionamento frente à necessidade e ações ou problemas a serem solucionados (SANTOS, 2001). Para esse mesmo autor, a importância do método se dá na segurança da ação, nesse sentido, o método ocorre pela ação sistematizada que contribui para evidenciar a verdade do mundo.

Para Thompson (1998, p. 18):

A história oral é tão antiga quanto à própria história. A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar todo o conteúdo quanto à finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciou a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. Ainda Mariano (2005, p. 22) diz que a prática de lembrar o passado, oferecendo a oportunidade para a reflexão sobre quem e o que somos, a fim de considerarmos os diferentes meios pelos quais poderemos encarar o futuro, algumas pessoas, acreditam que é uma prática melancólica, que incentiva o narrador a se apegar ao passado. Essa é uma idéia errônea, uma vez que conhecer o passado é a base para se entender o futuro. Ignorar o passado é ignorar a história.

A história oral está associada ao processo de redemocratização, surgindo no Brasil em 1973, atualmente ainda há muita dificuldade de se encontrar uma definição exata da história oral, na busca de uma definição exata, o método é considerado, como disciplina ou técnica (MEIHY, 2005). Esta dificuldade relaciona-se ao fato de ela não referir-se a uma área do conhecimento, ou talvez pela sua abrangência, possui três abordagens: história oral de vida, temática, e tradição oral (REINALDO, SAEKI, REINALDO, 2003). Para Humerez (1998), a narrativa da história pelo indivíduo permite revelar as interfaces despercebidas da experiência humana ao longo dos tempos, buscando resgatar o sentido mais íntimo já vivido pelo sujeito.

Optou-se pela história oral, por adequar-se melhor ao propósito do estudo e por proporcionar objetividade direta ao tema. O tema pesquisado, *O resgate histórico da construção de Brasília na memória dos idosos candangos*, mediante história oral de idosos que vivenciaram o problema da pesquisa. A pesquisa possibilitou construir e reconstituir suas histórias, através das próprias palavras, na busca independente da classe social e sua inserção atual na sociedade.

Além disso, a escolha pelo método da história oral fundamentou-se pelo objetivo de recuperar o já vivido unicamente dos idosos que vivenciaram a construção de Brasília, através de suas lembranças e experiências no relato de vida importantes e singulares que serviu de subsídios para a concretização desta pesquisa.

O estudo proposto abordou a pesquisa qualitativa, já que o objeto desse estudo só poderia ser respondido mediante a busca de experiências vividas dos sujeitos (ALBERTI, 1999). Dessa forma, para Paulilo (1999), a abordagem

qualitativa facilita a compreensão do fenômeno, permitindo a aproximação entre sujeito e objeto de estudo (PAULILO, 1999). Conforme o autor, a pesquisa é descritiva, tem como ponto de vista principal a visão do processo, valorizando o lugar e o pesquisado. Nesse sentido, a pesquisa investiga os acontecimentos do indivíduo, ou seja, na sua realidade, interpretando dados descritivos por eles relatados mediante suas vivências.

4.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na unidade do Serviço Social do Comércio - SESC – Gama do Distrito Federal. É pertinente perpassar a história do SESC do Brasil, em 1946 o Presidente da República atribuiu a Confederação Nacional do Comércio (CNC) o encargo de criar o SESC, a partir desse momento a instituição tem reunido esforços para ampliar projetos nas áreas de cultura, ação social, educação, esporte, lazer. O SESC é presente em várias cidades, são mais de 5 mil unidades de prestação de serviços espalhadas pelo Brasil, possui mais de 2 milhões de beneficiários diretos e 350 milhões de atendimentos efetuados. É reconhecido como referência nacional pela qualidade dos serviços prestados (Disponível em: <<http://www.sesc.gov.br>>. Acesso em: 10 abr 2010).

Presente no DF desde 1966 possui dez unidades e aproximadamente 185 mil pessoas matriculadas e credenciadas entre comerciários, dependentes e usuários, totalizando 18 milhões de atendimentos efetuados. Ao todo são mais de 1.000 funcionários. A existência do SESC só é possível graças à contribuição compulsória do empresariado do Setor de Comércio, Serviços e Turismo, os recursos desses subsídios são aplicados com responsabilidade na realização de

inúmeros projetos sociais voltados aos comerciários e comunidade em geral (Disponível em: <<http://www.sesc.gov.br>>. Acesso em: 10 abr 2010).

Constitui-se um dos pioneiros em programas de atenção aos idosos e como um dos precursores de uma ação contínua e sistemática, desenvolvendo uma abordagem para esse segmento numa visão sistêmica e global, buscando a construção de ações que possibilitem à participação desse público na busca de novos paradigmas, almejando dessa maneira, a promoção do idoso no patamar que lhe pertence, por toda uma vida de construção e participação na sociedade.

O SESC - Unidade do Gama existe há doze anos e há seis anos desenvolve um trabalho com idosos denominado “GRUPO DOS MAIS VIVIDOS”, realizando atividades diversas tais como: reuniões semanais; atividades lúdicas; integração Social; ações educativas; palestras direcionadas a prevenção de doenças,, acidentes domésticos e outros além de trabalhar o lado artístico e cultural dos participantes através da música e das oficinas ocupacionais (Acervo do SESC - Gama, 2009).

4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A amostra entrevistada foi composta por 11 idosos de ambos os sexos, com idade mínima de 60 anos e a máxima de 80 anos, sendo 06 idosos do sexo feminino e 05 do sexo masculino. Foram selecionados a partir de uma triagem de 95 idosos participantes do “Grupo dos mais Vividos” localizado no SESC - Gama. Todos os participantes chegaram a Brasília entre o período de 1956 a 1962. A seleção dos idosos colaboradores foi realizada através de critérios de inclusão, ou seja, chegada

em Brasília para trabalhar na construção entre o intervalo de tempo de 1960 a 1962. Por sua vez, a exclusão consistiu naqueles idosos que não participaram na construção de Brasília ou que chegaram antecedendo o ano de 1960 e posteriormente ao ano de 1962.

Para os indivíduos elegidos os depoimentos foram gravados no ambiente de socialização do SESC individualmente, com duração de 15 a 20 minutos, dependendo das características de todos os idosos, houve a preocupação em manter a mesma duração da entrevista, pois os entrevistados queriam expressar-se trazendo riquezas de detalhes e outros mais sucintos nos relatos. Foi utilizado um gravador com fitas para a coleta dos dados, mediante o consentimento da população investigada.

4. 4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Os idosos convidados a participar do estudo e aos que concordaram a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, responderam de maneira oral a uma entrevista semi-estruturada, conforme apêndice. A entrevista foi utilizada para a coleta dos dados, contendo 16 perguntas abertas. Foram realizadas nos meses de setembro de 2009 a março de 2010, previamente agendadas conforme preferências dos idosos. A informação sobre a gravação da entrevista, leitura e assinatura do TCLE foi realizada antes do início das entrevistas. Os participantes foram informados sobre o processo de transcrição dos relatos, ofereceram-lhes a escolha de pseudônimo; como os mesmos deixaram à escolha livre, optou-se em usar a nomenclatura Men1, Men2 e Men3, que significa Men de memória, seguido de numeração conforme ordem da realização das entrevistas. Ao

final de cada entrevista, a fita foi gravada e identificada com a data e o nome do colaborador. Após a transcrição as entrevistas foram avaliadas conforme a análise de conteúdo a seguir.

4.5. PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Para realizar a análise de conteúdo, seguiu as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação (BARDIN, 2001). O trajeto para a categorização foi: a) transcrição das entrevistas; b) leitura do material transcrito; c) construção da representação textual com as perguntas da entrevista e respostas na íntegra. Optou-se pela análise categorial do material, visando descrever os "núcleos de sentido" presentes no conteúdo dos relatos dos colaboradores, ou seja, os enunciados com relação ao discurso acerca do assunto investigado.

Na análise final foi feita articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo aos objetivos pré-estabelecidos. Acontecendo a ordenação do processo analítico, procedeu-se com a leitura interpretativa das fontes viabilizando a interpretação e a compreensão do texto, nesse sentido, a ação interpretativa associa as informações contidas nas obras selecionadas e o relato dos entrevistados.

Para a apresentação dos dados optou-se por apresentá-los entremeando com a história oficial da construção de Brasília descrita em referências e documentos históricos.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

*"...pois é do sonho dos homens
que uma cidade se inventa".*

Carlos Penna Filho

5.1 PERPASSANDO O PASSADO: COMO TUDO COMEÇOU

Mudar a capital era sonho antigo na história do Brasil, o Rio de Janeiro (RJ), cidade que se tornou capital da Colônia em 1763, recebeu a família portuguesa em 1808. Apresentava inúmeros problemas, era vulnerável às invasões estrangeiras, devido à proximidade com o mar (Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 21 mar 2010).

No ano de 1821, José Bonifácio de Andrada e Silva decretou a comissão encarregada para a realização da redação constitucional, essas exigências sugeriam que a capital do Brasil fosse ao centro do País, intitulando-a a nova capital de Brasília. Com o art. 3 da constituição republicana de 1891; foi estipulada uma área no Planalto Central da República, uma extensão de 14.000 km², e nela construir a futura Capital Federal. Mais tarde, em 1892 o presidente da República, Floriano Peixoto compôs a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, conhecida como a missão Cruls, sob a chefia do geógrafo Luís Cruls, que apresentou importantes relatórios, demarcando uma área retangular ao centro do País (Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 21 mar. 2010).

O grupo era formado por 21 pessoas que partiram do RJ com o desígnio de encontrar e delimitar a terra do Distrito Federal, durante sete meses, essa comissão percorreu 14 mil e 400 quilômetros, realizando demarcações de área e registrando dados sobre a flora, fauna e os hábitos dos moradores sertanejos (CRULS, 1894. Disponível em: <<http://www.brazilia.jor.br>>. Acesso em: 23 mar 2010).

[...] Nutrimos, pois a convicção de que a zona demarcada apresenta a maior soma de condições favoráveis possíveis de se realizar, e próprias para nela edificar-se uma grande Capital, que gozará de um clima temperado e sadio, abastecida com águas potáveis abundantes, situada em região cujos terrenos, convenientemente tratados prestar-se-ão às mais importantes culturas, e que, por um sistema de vias férreas e mistas convenientemente estudado, poderá facilmente ser ligado com o litoral e os diversos pontos do território da República [...] (Cruls, 2003, p.19).

Foto 1: Comissão Exploradora Cruls, 1894.



Fonte: Disponível em: <<http://www.brazilia.jor.br>>. Acesso em: 25 fev. 2010. Autor sem identificação.

Nos períodos de 1946 e 1953 novas comissões de localização foram escolhidas, a última, no governo Café Filho, passou a ter em sua presidência o marechal José Pessoa, responsável pelo Serviço de Documentação Aerofotográfica do Exército, essa comissão escolheu o local onde deveria ser construída a nova capital (Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 23 mar 2010).

O general José Pessoa, finalizou as pesquisas realizadas e tracejou a futura área da capital entre três municípios do estado de Goiás, Planaltina, Luziânia e Formosa. Em 1955, então o presidente da República Nereu Ramos, por meio do decreto n.38.261 altera a Comissão de Localização da Nova Capital do Brasil, para Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal, lançando o concurso nacional do Plano Piloto de Brasília (VASCONCELOS, 1978).

Algum tempo após, Juscelino Kubitschek (JK), em seu início de mandato em janeiro de 1956, elegeu a comissão julgadora do Concurso Público para a escolha do Plano Piloto da cidade de Brasília, e demonstrou sua devoção em fazer realidade o plano dos sonhos, e a efetivação da construção de Brasília. Em outubro de 1956, Kubitschek assinou o primeiro compromisso no local da futura capital, frente à solidão do cerrado, porém vislumbrando o amanhã e seu destino uma confiança sem limites. Neste mesmo ano iniciou a construção de Brasília, o Núcleo Bandeirante, foi à primeira instalação de trabalhadores vindos do Nordeste, Minas Gerais e Goiás, neste lugar, moravam os primeiros candangos, era chamada de "Cidade Livre", pois era consentida a maior liberdade à ação popular (Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org>. Acesso em: 25 mar 2010).

5.1.1 Construindo Brasília

"Deste Planalto Central, desta solidão em que breve se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

Juscelino Kubitschek

Em 02 de outubro de 1956, JK juntamente com os ministros e altas autoridades pousaram na pista improvisada aberta por Bernardo Sayão para a primeira visita de JK realizando a primeira visita na área que seria a futura capital do Brasil (KUBITSCHKEK, 1975).

Foto 2: Primeira visita de JK e autoridades no Planalto Central. Ao lado registro do marco inicial das obras.



Fonte: (Disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br/>>. Acesso em: 20 fev 2010). Autor Mario Fontenelle, 1959.

[...] conversei demoradamente com meus amigos e auxiliares sobre Brasília. Tive a impressão de que minhas palavras caíram no vazio. A descrença era geral. Teria de dissipar aquela atmosfera de pessimismo. E nada melhor para isso do que um choque. E o choque veio em seguida: era o prazo para conclusão das obras - 3 anos e 10 meses. Brasília estava lançada. Era uma idéia em marcha e nenhuma força seria capaz de detê-la. (OLIVEIRA, 1956, p.83, 84 e 88).

Em 21 de abril de 1960, foi à data marcada para a mudança da capital, Israel Pinheiro, presidente da Novacap, iniciou as obras, em que tratores desbravavam o cerrado, levantava poeira ao aprontar a área. Os candangos, os operários anônimos, se misturavam a nuvem de poeira e a máquinas em um ritmo acelerado abriam estradas para unir a capital aos grandes centros do país. O Plano

Piloto começava a ser concebido, o trabalho organizava-se em torno de dois traços dispostos em cruz, e nesse traçado, surgiu o eixo norte e sul, com pistas centrais de alta velocidade e pistas laterais pensadas para a distribuição do tráfego local. A linha transversal leste e oeste, chamado de “eixo monumental”, neste eixo, iriam receber setores administrativos, também edificações do poder legislativo, executivo e judiciário, além de outros edifícios relacionados à tomada de decisões (SILVA, 1985).

Foto 3: Traçado do Plano Piloto - Início de Brasília.



Arquivo Público do Distrito Federal - Autor Mario Fontenelle Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal. Autor: Mário Fontenelle. Disponível em: <<http://www.universia.com.br>>. Acesso em: 12 de mai 2010.

O setor residencial projetado em super quadras, com 250 metros de comprimento, no interior destas, blocos de residências correspondente a seis pavimentos no máximo. Uma semana após o início da construção da capital, já possuía, o Catetinho, construído em madeira e a pista improvisada de pouso no Planalto Central. No dia 10 de novembro de 1956, após o ato comemorativo à inauguração do Catetinho, o presidente Juscelino Kubitschek percorre, num jipe, durante cinco horas, os principais pontos estratégicos da região da nova Capital, sob uma chuva incessante (SEC, 1956).

Foto 4: Operários construindo o Catetinho em madeira, a primeira morada do Presidente JK na capital.



Fonte: SEC (1956). Autor sem identificação.

Ao sobrevoar a área da construção, JK ficava deslumbrado pela visão total da arquitetura, do ritmo acelerado dos milhares de trabalhadores, dos caminhões que chegavam e partiam das máquinas estrondosas que invadiam o cerrado escavando a terra. No horizonte, já se poderia observar, as estruturas de ferro, que despontavam do chão, dando origem a futuras edificações. Destaca-se que cada obra possuía a data de início e a conclusão (SILVA, 1985).

Foto 5: Entre a sombra, a terra e o vazio, surgem trabalhadores e edificações de ferros.



Fonte:Disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br>>. Acesso em: 22 fev 2010. Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF). Autor sem identificação.

No ritmo apressado surgiam os circuitos de água, de esgoto e de eletricidade, escora em madeira eram fincadas no chão para suportar os andaimes nos prédios que nasciam. De longe poderia observar as torres de comunicações, elas enviavam os pedidos de material. Imensos guindastes trabalhavam sem parar, sirenas ecoavam, se misturando com os sons dos motores acelerados de diversas máquinas. Edifícios que começam a tomar forma em meio da poeira, e nesse ritmo a cidade começava a ter forma. Em janeiro de 1959 a população operária de Brasília estava estimada em 50.000 habitantes nas obras e a cada dia mais operários desembarcavam nos canteiros das construtoras em busca de trabalho, gigantescas filas se formavam nas portas das empresas para cadastrar mais trabalhadores (Disponível em: <<http://www.velhosamigos.com.br>>. Acesso em: 23 fev 2010)..

Foto 6: Operários chegando para a construção de Brasília, um pesadelo para muitos e um sonho para outros.



Fonte: Nunes (1997). Acervo do Arquivo Publico do Distrito Federal.

Até a data 21 de abril de 1960, dia em que foi inaugurada Brasília, foi concluída as principais construções da cidade, o conjunto do Congresso Nacional; o Palácio do Planalto; o Supremo Tribunal Federal; onze edifícios ministeriais; o Palácio da Alvorada; serviço de eletricidade, de água e de esgoto; moradias; hospital

público com 500 leitos; instalações da Imprensa; hotel de turismo com 180 apartamentos; aeroporto provisório; escolas; clube náutico; concha acústica; estrutura básica da Catedral Metropolitana; a Igreja de Nossa Senhora de Fátima; a estrutura básica do Teatro Nacional; a estação rodoviária; o eixo rodoviário e a barragem do Paranoá. Ainda faltava muita coisa a ser construído, mas mesmo assim, deu-se a inauguração com o que existia, contudo, já existia no planalto central, a nova capital do Brasil (Disponível em: <[http://www. veja.abril.br](http://www.veja.abril.br)>. Acesso em: 03 mai 2010); SILVA (1985).

5.1.2 A imagem de Juscelino Kubitschek na memória dos idosos

Nos dias 12 de setembro de 1902, em Minas Gerais, na cidade de Diamantina, nasce Juscelino Kubitschek de Oliveira, graduou-se em medicina, especialista em Urologia, formou-se pela faculdade de medicina de Belo Horizonte com especialidade na França. Casou-se em 1931, com Sarah Luiza Gomes de Lemos. Seu ingresso na política iniciou-se em 1934, quando empossado prefeito de Belo Horizonte pelo governador Benedito Valadares em 1940, contou com a cooperação do arquiteto Oscar Niemeyer para cumprir várias obras projetadas, elegeu-se deputado à Assembléia Nacional Constituinte de 1946 e governador de Minas Gerais em 1950 (Disponível em: <<http://www.memorialjk.com.br>>. Acesso em: 21 fev 2010).

Perpassando a carreira política de Juscelino, ressalta-se o seu primeiro ato político como candidato realizou um comício no interior de Goiás afirmou que

construiria a nova capital do País, e seu discurso trazia o slogan de "50 anos de progresso em 5 anos de governo", iria condensar os projetos e sonhos idealizados, concretizando-os em apenas cinco anos (Disponível em: <<http://www.memorialjk.com.br>>. Acesso em: 12 mar 2010). Em sua fala, trazia Brasília, como marco da própria modernidade. Depois de eleito, JK juntamente com João Goulart, seu vice-presidente assinou a Mensagem de Anápolis, com a criação da NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital), dando início as obras em três de novembro de 1956, seguindo o projeto de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa (SILVA, 1985).

Foto 7: JK no dia da posse.



.....



Fonte: Disponível em: <<http://www.tvcultura.gov.br>> Acesso em: 23 mar 2010. .Acervo TV Cultura e Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF. Autor sem identificação.

Com três meses após a posse, JK iniciou a construção da nova capital no centro do País, cumprindo as promessas e o programa de governo que fizera em sua campanha enquanto candidato. Além de cumprir, um sonho almejado pelas sucessivas Constituições ao longo da história do Brasil, tirou do papel a transferência da futura capital, criou um audacioso Plano de Metas e enviou projeto de lei ao Congresso Nacional (Disponível em: <<http://www.velhosamigos.com.br>>. Acesso em 23 fev 2010).

JK foi extremamente popular e amado por todos os candangos, nos discursos orais abaixo ficam evidente o carinho e o respeito que o presidente conquistou.

(Mem 1) *“Muito popular, falava igualmente com todos trabalhadores, o seu governo pra mim foi um dos melhores”.*

(Mem 2) *“[...] uma pessoa muito simples, entrava nas cozinhas dos barracões e tomava cafezinho com os trabalhadores. Foi um modelo de governo”.*

(Mem 3) *“Era um amor de pessoa. Muito popular, falava com todos, pra ele não existia distinção de trabalhador ou engenheiro [...]”.*

(Mem 4) *“Um homem espetacular e o relacionamento dele com os trabalhadores era excelente”.*

(Mem 5) *“Eu pessoalmente não o conheci, mas todos sem exceção falavam muito bem dele”.*

(Mem 6). *“Era uma pessoa muito agradável, muito simples, cumprimentava todo o mundo. [...] o governo dele foi excelente”.*

(Mem 7) *“O presidente JK era realmente já tava contado, o meu pai falava pra gente que ele ia na construção, falava com eles, e dava a mão pros trabalhadores, e isso eu pude comprovar depois quando fui trabalhar no hospital de Base, eu vi o presidente chegando pra inaugurar a câmara frigorífico, onde ficava os defuntos, e ele tava[...] deu a mão a todo mundo que tava lá”.*

(Mem 8) *“Conheci JK, uma pessoa muito simples, costumava visitar a obra, como governador era decidido, projetou construir a cidade em cinco, coisa que fazia em mais tempo, era o lema dele de trabalho, acreditava na força do trabalhador”.*

Tão logo, entre as críticas positivas e negativas, a nova capital federal, foi se configurando em meio ao cerrado, dentre canteiros de obras e muito concreto, ferros e trabalhadores. Entre os governistas, a minoria acreditava que a concretização de Brasília iria acontecer, a oposição pronunciava que seria uma missão impossível e acabaria desmoralizado frente aos seus eleitores e assessores. É interessante lembrar que, o programa de metas cobria ao total 30 itens, mas Brasília demandava mais, somou-se 31 metas, a ser concretizada pelo governo de JK (Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 26 mar 2010).

O momento final do governo Juscelino, foi caracterizado pelo colapso econômico, devido ao rápido crescimento da indústria, além dos gastos com a construção de Brasília, elevou a inflação e, por conseguinte o aumento da oposição ao governo. No ano de 1957, aproximadamente 400 mil trabalhadores fizeram greve geral, solicitando reajuste de salários para compensar a inflação. Para atender a pressões dos populares, JK em 1959 rescindiu com o Fundo Monetário Internacional (FMI), contudo, esta atitude não resolveu os problemas da economia, mas fez crescer o apoio ao governo (SILVA, 1985).

Em 1964, teve seu mandato cassado e seus direitos políticos suspensos pelo regime militar por 10 anos, sendo assim impedido de disputar as eleições presidenciais de 1965. JK faleceu em 22 de agosto de 1976, vítima de um acidente automobilístico. Na memória do povo brasileiro, o período Kubitschek é lembrado como uma época de otimismo e de grandes realizações como a construção de Brasília (Ibidem).

5.1.3 Os candangos: a viagem e a imagem do trabalho

Para a construção, chegaram trabalhadores de vários estados, a chegada em Brasília era por meio de vôos semanais, pelo transporte rodoviário, que oferecia linhas diárias entre as cidades de Goiânia e Anápolis para Brasília, esse percurso acontecia em doze horas, em estrada de terra e buracos. O transporte ferroviário foi inaugurado em 1959 e continuou em uso posteriormente a inauguração de Brasília. Era muito comum, a chegada das pessoas em caminhões pau-de-arara e até mesmo a pé, a divulgação sobre a construção da cidade e as vantagens financeiras, a busca de melhores condições financeiras, promovia o interesse e o deslocamento de varias pessoas, esse fluxo de pessoas aumentava com o passar dos tempos (SILVA, 1985).

O sonho se repetia para muitos, *Mem 1*, saiu de Ceará. Na época um adolescente, em busca de um futuro melhor, conforme relato abaixo se aventurou em uma viagem cansativa e perigosa, viajou dia e noite, rodovias que se confundiam em meio ao horizonte e a paisagem.

(Mem 1) *“Em 1958, na época eu estava com 14 anos, ouvi falar que em Brasília tinha emprego, se ganhava bastante dinheiro. Não pensei duas vezes, entrei num pau de arara e viajei 14 dias para chegar até aqui”.*

(Mem 1) *“[...] foi difícil, deixei minhas raízes, meus pais e principalmente minha namorada. Mas eu só pensava em um futuro melhor pra mim e ajudar os meus pais. Não existia nada. Senti-me perdido no meio do mato”.*

(Mem 1) *“Olha, em 1958, meu irmão veio pra Brasília, veio ver como que era aqui, aí ela mandou chamar a gente, mando dinheiro pro pai e pro resto da família”*

Para *Mem 2*, não foi diferente, ao chegar a Brasília, o sentimento foi de medo, estranheza frente aquele cenário. A seguir, é possível perceber em sua fala, bem como, de todos os candangos que aqui chegaram que o único motivo impulsionador foi à busca de melhores condições de vida.

(Mem 2) *“Eu tinha dois irmãos aqui em Brasília, mas só os localizei depois de algum tempo. No início foi muito difícil. No dia em que cheguei fui dormir na Rodoviária. Não conseguia emprego porque as firmas não acreditavam que tinha 18 anos. No início fazia uma fogueira para esquentar o frio e dormia ao relento. Depois ganhei um cobertor e passei a dormir em um carrinho de pipoca. Logo em seguida consegui trabalhar como ajudante de cozinha em um hotel. Aos 17 anos conheci uma garota de 15 anos com quem tive um relacionamento de três anos, e desse relacionamento tenho uma filha de 42 anos. Dois anos depois conheci a minha esposa que também morava sozinha aqui, com que sou casado até hoje”.*

(Mem 2) *“[...] em 1957 alguns conterrâneos que escreviam e falavam que em Brasília tinha emprego. Na época eu tinha 16 anos. Tive que tirar documentos com aumento de 3 anos, para vir para Brasília. Foi difícil (expressão de tristeza), mas eu só via o futuro, trabalhar para ajudar minha mãe que era viúva, comprar um pedaço de terra em Minas e voltar para lá. [...] foi difícil, me deu vontade de chorar”.*

Mem 4 acrescenta:

(Mem 4) *“Vim sozinho, somente com a vontade de vencer, não tinha família e nem amigos. Depois de algum tempo conheci uma moça que foi minha esposa até 20 de fevereiro de 2010, dia em que faleceu. Fomo casados 45 anos. Em 1960, motivado pelo emprego e em busca de um futuro melhor. [...] Muito ruim, pois o que eu gostaria mesmo era estar perto da minha gente, muito determinado pensei! Aqui será agora a minha terra natal”.*

Em busca de fatos *Mem 5*, completa:

(Mem 5) *“Em 1956, eu estava com 20 anos de idade e vim com minha família à procura de uma vida melhor. A saudade bateu forte, os costumes, procuramos adaptar a nova vida, não foi fácil, aos poucos fomos acostumando. A primeira impressão foi péssima, até assustadora, só víamos construção muita poeira e muito peão trabalhando”.*

O presente discurso abaixo, nos mostra que o sonho em busca de um futuro melhor, motivou centenas de pessoas a saírem de suas cidades natais, não diferentemente, *Mem 6* também se aventurou pelas rodovias do País, em direção a cidade do amanhã, Brasília. Conforme relato abaixo:

(Mem 6) *“Em 1956, o meu pai tinha vindo bem antes. De repente ele parou de dar notícias, de mandar dinheiro. Em um belo dia ele voltou. Passou um mês na minha cidade e voltou pra Brasília. A minha mãe ficou grávida. O meu pai durante alguns meses dava notícias e mandava sempre dinheiro. Um belo dia minha mãe resolveu vir atrás do meu pai, ela estava grávida de oito meses. Então vendemos tudo e viemos. Eu com 13 anos era a mais velha, e mais quatro irmãos”.*

(Mem 6) *“[...] foi difícil deixar tudo pra trás. Passamos oito dias dentro de um ônibus. A viagem foi muito terrível, pouco dinheiro e pra completar o meu irmão teve uma desidratação, quase morreu”.*

(Mem 6) *“[...] a primeira impressão foi muito ruim. Na viagem perdemos o endereço do meu pai e ficamos sem ter pra onde ir. Eu era a mais decidida. Diante da situação procurei um hotel, contei minha história pra o dono e me ofereci pra trabalhar em troca de um lugar pra nós. O gerente do hotel nos acolheu, pegou o nome do meu e começou anunciar na rádio diariamente. Até que um amigo do meu pai ouviu o anuncio e entrou em contato com ele. [...] o meu pai foi o apoio para que pudéssemos vir. Com 17 anos conheci o meu ex-esposo, com quem fui casada 30 anos”.*

Mem 7 traduz sua viagem:

(Mem 7) *“Meu pai já estava aqui, e eu vim pra cá com treze anos, e oito irmãos pequenos, chegando aqui agente se espanto, chegando no Núcleo Bandeirante, muita casa de madeira, e pra nós casa de madeira era chamada de casa de galinha (risos), e eu e meus irmãos fico todos assustados”.*

(Mem 8) *“Eu vim em 1961 para servir no exército, fiquei dois anos e regressei pro sul, depois voltei pra cá”.*

Em meio à multidão de anônimos que desembarcavam em Brasília, estava:

(Mem 9) *“Natural de Sobral, Ceará, junto com a mãe e os nove irmãos e o nosso pai, chegamos em Brasília em 1960, resolveu trazê a família, viajamos durante 15 dias em um pau de arara. Durante a viagem a nossa mãe adoeceu com uma hemorragia muito forte, sem ter recursos médicos chegou aqui muito mal, e foi direto para o Hospital de Base vindo a falecer naquela noite. O pai foi avisado e foi ao Hospital com todos nós para providenciar o sepultamento. Chegamos no Hospital sete horas da manhã, e passamos o dia inteiro aguardando. Já era cinco horas da tarde e nós ainda sem se alimentar; o pai resolveu indagar o motivo da demora e foi informado que a nossa mãe tinha sido enterrada como indigente”.*

Segundo *Mem 9*, as crianças ficaram sem rumo, sem a mãe, em uma cidade estranha, o desespero aflorou em seus corações e nas suas mentes. As pessoas presentes observaram que aquelas crianças não tinham condições de permanecer com o pai, não tinham moradia e nem alimentos. Ao comoverem-se com a situação, imediatamente uma senhora, caminhou em direção aquela família desestruturada e propôs levá-los, com apenas 12 anos de idade, a entrevistada foi morar longe da família, com o intuito de *Mem 9* ajudar a cuidar de seus filhos. Outra senhora, seguindo o exemplo, levou o irmão mais novo com quatro anos de idade (o

qual foi levado para o Piauí e só reapareceu 25 anos após). O pai sem questionar, entregou seus filhos, aquelas pessoas estranhas, que as escolhiam de acordo com os seus interesses ou sentimentos aflorados diante daquela situação.

(Mem 9) “O restante da família foi morar em um barraco de dois cômodos no Gama, quando chovia todos se agachavam debaixo de uma mesa para se proteger da chuva e do vento que invadia o barraco. Eu fui trabalhar com a senhora na cidade livre e chorava muito. Todos os dias eu pedia para ficar junto dos meus irmãos. Foi assim durante um ano, até que um dia a mulher resolveu me devolver. Depois de algum tempo o nosso pai casou novamente e as coisas pioraram, porque a madrasta era uma bruxa. As dificuldades eram muitas. O pai não ganhava o suficiente para sustentar toda a família, e aonde tivesse um local que aceitasse trabalho infantil, lá estavam nós fazendo tudo. As meninas iam ser babás, e os meninos iam mendigar para trazer dinheiro pra casa. Eu com 15 anos trabalhava como babá e nunca vi um centavo do meu salário, porque no final do mês o pai tomava conta de tudo. Um dia me revoltou e pedi a patroa que não desse o dinheiro todo pro pai, que deixasse um pouquinho para que eu pudesse comprar alguma coisa. Ele não aceitou e pegou todo o dinheiro. Revoltada, nesse dia cheguei em casa e falei que não ia mais trabalhar, e fui dormir na casa onde a irmã trabalhava para que o pai não obrigasse a ir pro trabalho. A madrasta ouviu e contou para o pai o ocorrido, o qual foi me buscar e colocou de castigo ajoelhado sobre caroços de milho, e deu 18 bolos de palmatória em minhas mãos, deixando com as mãos feridas e sangrando. O meu pai vendo que não convencia a voltar ao trabalho mesmo debaixo de castigo, resolveu encontrar um marido para mim. Logo no dia seguinte ele apareceu no barraco com um homem de 33 anos, e obrigou a me casar com ele. Depois de casada à vida melhorou um pouco, porque o marido apesar de ganhar pouco era muito bom, mesmo com dificuldades não deixava faltar nada, cuidava de mim muito bem. Foi aí que resolvi fazer crochê. Aprendi a costurar e enquanto o marido colocava comida na mesa, o dinheiro ganho por mim era aplicado na educação dos filhos. Pouco tempo depois a madrasta tentou matar o nosso pai a facadas, mas não conseguiu, e

desapareceu no mundo. Com o tempo as coisas foram melhorando. Eu e o marido lutamos muito. Tivemos cinco filhos e fomos casados 41 anos e só separamos com a morte dele em 2008”.

Quando iniciou a entrevista *Mem 11*, estava imbuído de um passado completo de lembranças, que hoje fundamentam sua realidade, o entrevistado frente às questões temporais que transportavam as experiências já vividas, assumiu um diálogo, narrando sua jornada livre de qualquer pré-conceito ou consternação.

(Mem 11) *“Em 1959, as dificuldades existentes em minha terra Natal, e a certeza de que conseguiria emprego em Brasília me deu coragem para vir. Foi muito difícil, com 19 anos foi a primeira vez que saí do convívio dos meus pais. Como meu irmão já morava aqui foi mais fácil. Me senti perplexo, meio perdido no meio de tanta construção. Deu vontade de voltar imediatamente”.*

5.1.3.1 A Cidade Livre na memória dos idosos

O ponto de chegada dos operários era na cidade improvisada – a Cidade Livre, atualmente Núcleo Bandeirante e também na Vila Planalto, as construções eram feitas em madeira, em 1956 eram apenas mil habitantes; dois anos após já havia mais de trinta e cinco mil. Os pioneiros eram selecionados e cadastrados nas diferentes empresas construtoras (GONÇALVES, 2002).

A Nocacap no fim de 1956 abriu as principais avenidas do Núcleo Bandeirante, essa infra-estrutura foi necessária para abrigar os trabalhadores que chegavam de toda a parte do Brasil. Localizada a 10 km do Plano Piloto, o

loteamento era destinado ao uso exclusivamente comercial e por isso não eram fornecidos alvarás para residências. Sua existência estaria limitada somente ao período da construção de Brasília entre o período de 1956 a 1960. A escritura não era definitiva, não havia pagamento de impostos e os terrenos deveriam ser devolvidos à Novacap no final de 1959, e toda a população destinada a outras localidades. Os lotes cedidos possuíam a finalidade de incentivar a vinda de comerciantes para a região, favorecendo a mão-de-obra durante a construção da capital (SILVA, 1985).

Foto 8: Cidade Livre e a Avenida Central.



Fonte: Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF. Autor sem identificação. Disponível em: <<http://www.bsb.hd1.com.br>> Acesso em: 03 jan 2010. .

(Mem 6) *“O meu pai fez um barraco de dois cômodos e fomos morar. Pouco tempo depois conseguimos um alojamento onde tinha luz elétrica e água encanada. Nenhum conforto. Mais tarde, no alojamento onde morávamos havia luz elétrica. Quanto à água encanada era coletivo. Era difícil. Havia um banheiro coletivo onde as roupas também eram lavadas.*

As ruas eram de chão batido, o que ratificava com o caráter provisório da cidade. No período das chuvas os moradores conviviam com a lama e no período da seca com a poeira vermelha do cerrado. Era muito comum na época, avistar animais

como emas, tatus e lobos-guará, transitando em meio à cidade (KUBITSCHEK, 1975).

(Mem 3) *“O meu esposo era Mestre de obras e foi convidado para trabalhar aqui. Vim acompanhando o meu esposo, não tinha opção. Senti meio perdida. Fui morar na Cidade livre (hoje Núcleo Bandeirante) em um barraco só com um cômodo que servia de sala, dormitório e cozinha, nesta época já tinha três filhos.*

(Mem 7) *“A maioria já veio com a família constituída, ele só o pai e depois os filho, geralmente, mas muitos construía aqui, depois né [...]. Não havia mulher à vontade, era muito pouco, em 1559 é nem podia andar só por aí não, os homens podia pegar as mulher (risos”.*

(Mem 8) *“Geralmente chagavam sozinhos, e depois constituía famílias. Tudo muito improvisado, não havia mulheres na época, mas depois foi aparecendo, com a chegada dos candangos, formando a cidade. Algumas sem ter como ajudar os maridos, criavam entrega de comidas, restaurantes e pensão. Mas tinha muita mulher pra trabalhar em boate, em troca de dinheiro”.*

(Mem 10) *“A maioria olha esses que vieram no começo, à maioria, acredito que 60% não traziam a família, vinha vê primeiro como que tava a situação, pra arrumar um cantinho, uma barraquinha, pra depois trazer a família”.*

Ao mesmo tempo era o lugar de diversão em casas noturnas, comércio precário e atendimento médico ambulatorial deficiente para os moradores, era comum nos finais de semana e nas horas livres o candango gastava o pagamento recebido pelas intensas horas trabalhadas nos canteiros de obra (Lacerda, 1977).

Foto 9: Final de semana no Núcleo Bandeirantes.



Fonte: M. Fontenelle. Disponível em: Disponível em: <<http://www.ultimaparada.wordpress.com&url=http://ultimaparada>> Acesso em: 03 jan 2010. Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF

A cidade falou diversos sotaques, recebeu culturas distintas dos diferentes grupos de pessoas que chegavam de todas as regiões do Brasil. Não se sabe bem por que o nome candango foi utilizado para nomear aqueles que trabalharam na construção da cidade. No passado distante, esta denominação era utilizada pelos africanos para designar os portugueses, no entanto a grande maioria dos trabalhadores da nova capital era constituída tanto por descendentes de africanos, como de portugueses, além dos descendentes de muitas outras nacionalidades. E nesse sentido, ser candango passou a ser pioneiro (LARAIA, 1996).

Ressalta-se que candango, também foi o nome dado pelo próprio JK, aos poucos, a definição foi se transformando e todos os operários que construíram Brasília passaram a ser chamados. Com o passar do tempo, eles próprios se orgulham do apelido e passaram a gostar de ser nomeados de Candangos (Disponível em: <<http://www.bsb.hd1.com.br>>. Acesso em: 25 mar 2010).

Para Ernesto Silva (2007) com o passar dos tempos o candango passou a ser aceito, pela tenacidade, pelo esforço e pelo idealismo, e a expressão tornou-se um título de honra, pois somente quem tinha força de vontade poderia ser candango. Em novembro de 1956, existiam aproximadamente 232 operários em toda a área

delimitada para ser construída, em 1957 a Cidade Livre somava 2.212 habitantes, dos quais, 1.328 eram homens e 874 mulheres. As 342 edificações construídas eram feitas em madeira recobertas com chapas de alumínio, zinco e até mesmo com palha. Estas estruturas precárias faziam parte do comércio da região: eram os armazéns de secos e molhados, casas de tecidos, restaurantes, barbearias, tinturarias, marcenarias, açougues, farmácias, escolas (duas), cinema, bares, pensões, igrejas e hotéis. O comércio na Avenida Central era de uma atividade intensa só fechava as portas a altas horas da noite (GONÇALVES, 2002).

Foto 10: Comercio local, 1957.



Fonte: Disponível em: <<http://www.bsb.hd1.com.br>>.

Acesso em: 25 mar 2010. Autor sem identificação..

5.1.3.2 O canteiro de obra: milhares de operários unidos por um sonho

“60 mil candangos foram necessários para desbastar, cavar, estaquear, cortar, serrar, pregar, soldar, empurrar, cimentar, aplainar, polir, erguer as brancas empenas...”

Ah, as empenas brancas! (...) Como se tivessem sido depositadas de manso por mãos de anjo na terra vermelho – pungente do planalto, em meio à música inflexível, à música lancinante, à música matemática do trabalho humano em progressão (...). O trabalho “humano que anuncia que a sorte está lançada e a ação é irreversível.”

(Vinícius de Moraes)

Chegados de todas as regiões do Brasil, os pioneiros trabalhavam sob as intempéries do clima, sempre sob o olhar contínuo do presidente JK, que não deixava de lembrar que a cidade tinha que ser concluída na data prevista por ele. Os trabalhadores tinham longas horas de trabalho, alimentavam-se mal e tinham a esperança de enriquecer naquela cidade construída por eles próprios. Brasília vivia em ritmo frenético de trabalho. Israel Pinheiro organizou suas equipes de trabalho com uma disciplina de guerra, dia e noite, sol ou chuva, Brasília não parava, tinha que ser construída, os dias era contado e os trabalhadores cobrados (SILVA, 1985).

(Mem 1) “Não tinha ninguém, não conhecia ninguém. Menor de idade, não tinha como trabalhar nos canteiros por falta de documentos tive que me virar fazendo bicos. Depois de algum tempo conheci minha esposa com que sou casado até hoje”.

Foto 11: Operários, a força do trabalho em mãos anônimas.



Fonte: Luiz Carlos Barreto, 1959; Arquivo Público do DF, 2009.

Era fato, em 1959, o canteiro de Brasília possuía uma população aproximadamente de 64.000, prevalecendo à população masculina, solteira, com idade entre 18 a 45 anos, a maioria chegada do nordeste, norte e centro-oeste do

País, em busca de oportunidades para melhores condições financeiras (SANTOS, 2010).

Durante a construção de Brasília, realmente a figura da mulher esteve ausente na cidade, a não ser em locais específicos de prostituição, especificamente na Cidade Livre - criando-se assim uma grande sociedade dominada por valores socialmente considerados masculinos (CARVALHO, 1996).

(Mem 3) *“Quase não tinha trabalho para as mulheres”.*

(Mem 6) *“Diante das dificuldades, eu fui lavar roupa para os piões, fazer bolinho fritos pra vender nas construções. E na hora do almoço eu e meus irmãos vendíamos laranjas. Havia poucas opções de trabalho para as mulheres. Era comum elas venderem algum objeto, costurar ou lavar roupas”.*

(Mem 7) *“A mulher se tinha lavava roupa pros pião que veio, e aquelas que vieram com emprego certo, as mulher ficavam como baroa, né, (risos) mas os que veio pra pegar no arado, as mulher faziam bolinho, lanche, café pra vende na obra. Não viro muito tempo, ele também fico desempregado pela Rabelo, e teve que sobreviver, vendendo laranja na construção e eu vendendo bolinho”.*

(Mem 10) *“As esposas ajudavam muito, há [...] elas passavam, cozinhavam, era um tipo de pensão, e não só pros maridos, era pros outros”.*

Havia aproximadamente 19.100 pioneiros ocupando diariamente os canteiros de obra, a maioria sem habilitação ou experiência na construção civil, mas que passaram a agregar as frentes de trabalho. Estes trabalhadores ergueram uma cidade, em meio ao sol, à chuva, ao vento e a poeira. Em 1959 houve um período de tensões sociais e trabalhistas entre os operários, as construtoras e as metas do JK, nesse ano, Brasília foi palco do infeliz fato, o “massacre da Pacheco Fernandes

Dantas” quando operários desta construtora foram fuzilados pelos soldados da Guarda Especial de Brasília (GEB), no refeitório da própria empresa após reivindicar qualidade da comida servida e contra as condições de trabalho. Nesse período, a disciplina era imposta aos operários pelos temidos policiais da GEB, esse episódio faz parte da história secreta da construção. Os policiais, todos eles selecionados entre os próprios candangos, instituíam o toque de recolher, era desligado a água para impedir que o candango tomasse banho, pois sem banho nenhum iria procurar mulheres na Cidade Livre (Disponível em: <<http://www.veja.abril.com>>. Acesso em: 03 mai 2010).

Nada se comparou ao que aconteceu em 1959, como exibe o filme “Conterrâneo velhos de guerra” (1986), do diretor Vladimir Carvalho, em um início de noite de carnaval, cortaram a água dos canteiros de obras para impedir que os operários saíssem para se divertir. No pôr-do-sol daquele dia, uma caminhonete com soldados chegou ao acampamento localizado próximo ao Palácio do Planalto, nesse momento houve muita violência, pancada e tiroteio, vários mortos e feridos graves foram colocados no veículo e enterrados em algum lugar de Brasília. No entanto a história da cidade não diz quantos morreram naquele massacre (VIDESOTT, 2008).

(Mem 7) *“Tudo foi violência e como se chama, muita revolução”.*

Alves (2009) lembra que naquela época, não havia iluminação pública em nenhuma parte de Brasília, a energia dos canteiros de obras e da Cidade Livre vinha de geradores a diesel comprados pela Novacap, pelas construtoras e por comerciantes. A partir de 1958, O Catetinho, aeroporto e as construtoras eram abastecidos pela energia elétrica produzida por duas turbinas da usina instalada no

Ribeirão Saia Velha, onde hoje está localizada a cidade de Santa Maria. O aeroporto ficava no mesmo local que o atual. Tinha a pista da Base Aérea e outra maior, além de um terminal de passageiros, feito de madeira. Apesar da precariedade, recebia vôos regulares de capitais brasileiras.

5.1.3.3 As condições de trabalho e a exposição para acidentes

Existiam péssimas condições de trabalho, falta de segurança na construção civil, trabalhadores sem nenhuma proteção, o número de mortes por acidente de trabalho, eram freqüentes e aumentava a cada dia de trabalho, pois as horas atingiam de 14 a 18 horas diárias, ininterruptas, gerando desatenção e esgotamento por partes dos trabalhadores. Era freqüente o trabalhador iniciar às 5h e finalizava sua jornada de trabalho às 23h, algumas vezes estendia-se até a 1h da madrugada. Mesmo com o tempo ruim e a temperatura baixa não atrapalhavam os trabalhos de prosseguir a construção e os operários recorriam ao consumo de bebida alcoólica para suportar o frio e evitar resfriados (CARVALHO, 1996).

(Mem 2) “[...] havia muitos acidentes graves. Pude presenciar vários [...]”.

(Mem 3) “O meu esposo trabalhava de 7 da manhã, muitas vezes até meia noite. Não tinha segurança devido à falta de equipamentos [...] além dos acidentes, havia muita violência”.

(Mem 5) “Tudo era muito difícil (pensativo). Havia escassez de tudo. Quanto à segurança morria de medo de sair de casa, devido à grande quantidade de piões nas obras. Havia pouca opção para o trabalho realizado pelas mulheres. Algumas iam ser empregadas domesticas

(como eu), outras faziam bolos para serem vendidos nos canteiros de obras e assim se viravam como podiam”.

(Mem 8) *“O trabalho era pesado, viu o pessoal às vezes trabalhava até altas horas da madrugada, não tinham horário, no meio da poeira, né, parecia aquelas cidades de faroeste”.*

(Mem 10) *“O meu irmão começou numa boa, graças a Deus, pra nós era paz, agora pro pessoal eles trabalhava muito no caminhão de obra. Agente morava no Núcleo Bandeirante. Difícil e disputado, eu lembro, que esse horário de almoço, tinha uma buzina, um negócio lá, que na hora do pessoal que tava trabalhando, apitava e vinha um monte de gente pra comer e na hora de ir embora, eles apitavam e iam aquele monte de gente pra ir embora. O mestre de obra organizava tudo, na época aconteceu muita morte, viu. Eles caíam dos andaimes, da agonia de fazer logo esta cidade, de fazer logo a construção”.*

(Mem 11) *“Havia muito trabalho como pião. Não era bem o meu foco. Comecei como servente de serviços gerais de um hotel, fui progredindo. Depois comecei a trabalhar na [...] me aposentei com 28 anos de Empresa”.*

Conforme pesquisas já realizada, não foi certificado, dessa realidade, a história oficial traz de forma superficial este período da história. O que causou o alvoroço nos canteiros de obra foi à morte de Bernardo Sayão, em janeiro de 1959, esmagado por uma árvore quando abria caminhos para a construção da rodovia Belém-Brasília. Os operários lamentaram o falecimento de Sayão, para todos os operários, Sayão tornou-se o pai e o protetor (SILVA, 1985).

Verifica-se a dedicação, o esforço de inúmeros pioneiros durante a construção de Brasília. O trabalho pesado de muitos homens, muitas vezes, configurando-se como próprios instrumentos de trabalho. Conforme relatos dos entrevistados, não havia Equipamentos de Proteção Individual (EPI), além das

precárias condições de segurança nos vários setores da construção. Nenhum trabalhador usava cinto de segurança e capacete, apenas pequenos chapéus para atenuar o sol forte do compacto cerrado. É relevante ressaltar, o esforço dos operários que levantavam, abaixavam e se equilibram sobre as estruturas de ferro, madeira e concreto, com movimentos acelerados, para concluir a cidade que irá ser a sede dos comandos e das decisões do país (SANTOS, 2010).

(Mem 4) “Apesar das dificuldades, tínhamos condições de trabalhar. Quanto à segurança tinha mais era pouca, porque não havia equipamento necessário. Tinha poucas opções para as mulheres. Elas vendiam marmitas, cafezinho etc.”.

(Mem 8) “Todo serviço tinha um engenheiro da cada construtora, que vieram de fora. Aconteceu muita morte, não se tinha a segurança que se tem hoje, as empresas construtoras não tinham normas de segurança do trabalhador [...]”.

Foto 12: Mostra o operário transportando ferragem em seus ombros, sem qualquer proteção, a foto é de M. Fontenelle, nela possui a seguinte inscrição abaixo:



de OSCAR São 02/11/56 no momento da dia-13/11/56/MEM. 12/11/56
fivê esta foto de PARANÁ no momento da dia-13/11/56/MEM. 12/11/56
Quando trabalhava de Ferro este homem transportava do Estaleiro de Ferro
o Lubrificante de Ferro e não estava trabalhando com uma das mãos
Hoje eu só Tenho o pé direito BR e não difere de outros fot. e não sou o autor.

Fonte: Disponível em: <<http://www.camara.gov.com>>. Acesso em: 27 mar 2010). Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF. Autor Fontenelle, 1958).

"Dr Oscar. São 02h26min da manhã do dia -13+12/01/MCLXXXV. Eu tive esta idéia de perguntar a você e você escrever no plano vertical quantas toneladas de ferro este homem transportou do canteiro de obra até o local definitivo. Dr Oscar eu não estou brincando com você. Dr Oscar hoje eu só tenho o pé direito e mão direita e continuo fotografando a sua obra. Até! M M Fontenelle" (Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF, 1958).

(Mem 1) *"Não tinha fiscal nas obras. Não tinha equipamento necessário. Quando havia um acidente grave com morte, nem sempre o corpo era enviado para os Estados de origem. Às vezes era enterrado como indigente (expressão de tristeza). Vi muito de esses casos acontecerem. Quase não tinha opção de emprego para as mulheres".*

(Mem 2) *"Não tinha segurança e nem equipamentos necessários para trabalharmos. Havia poucas mulheres e poucas opções de trabalho aqui para elas".*

5.1.3.4 A remuneração dos serviços

Em 1956, encontravam-se aproximadamente cento e trinta homens quebrando o silêncio e abrindo colossais clareiras no planalto central, alguns desses trabalhadores não tinham registro de nascimento, ou qualquer outro documento pessoal, o que sabiam de si próprio era o codinome e o sobrenome materno. Vale enfatizar que, o homem que fazia o pagamento da remuneração dos primeiros candangos saiu do Rio de Janeiro em dezembro de 1956 juntamente com um comboio de dez caminhões, que transportavam o material para a construção do galpão que abrigaria à sede da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), a viagem durou 10 dias, enfrentaram caminhos perigosos, o que intensificou a dor na coluna cervical de Lauro França Duarte D'Oliveira, levando-o a

abandonar a missão e voltar para o Rio de Janeiro, devido a este incidente, o engenheiro Bernardo Sayão assumiu a responsabilidade de fazer os pagamentos (FREITAS, 2010).

(Mem 1) *“Não era grande coisa [...], depois de algum tempo consegui trabalho e eu recebia o salário quinzenalmente”.*

(Mem 4) *“Na época compensava. Eu recebia quinzenalmente em dinheiro, dava pro gasto”.*

(Mem 5) *“Não era grande coisa. Quanto a ser compensador creio que sim, e o pagamento meu marido recebia quinzenalmente”.*

(Mem 8) *“No exército era normal, não tinha problema, mas nas construtoras o salário era o chamativo, trazia pessoas de fora, o salário era maior do que nas localidades. O pagamento era feito semanalmente, a construtora marcava o dia”.*

(Mem 10) *“Não sei não, mas era bem pequeno (risos). O pagamento era folha, tudo controlado ali, eu lembro que eles faziam aquela fila, já tava contado, faziam aquela fila com o dinheirinho certo, recebiam e mandavam pra onde eles viam, o resto era pra pagar a pensão, pra pagar a roupa que mandava lava e passar, a mãe mesma canso de lavar e passar roupa pra eles”.*

Luz (2009) ressalta que naquele tempo, todo operário, para a própria segurança, depositava parcela de seu pagamento semanal, ficando apenas a compra de cigarro e bebida alcoólica (cachaça) nos finais de semana na Cidade Livre ou para os encontros amorosos. Os depósitos bancários eram auxiliados pelas empresas, que mandavam caminhões transportar os candangos ao Núcleo Bandeirante, todos os sábados. Mais tarde, uma agência volante da Caixa recolhia o

pobre dinheirinho suado, à porta dos acampamentos, onde os pagamentos eram feitos aos sábados.

(Mem 2) *“Havia um ônibus que servia de banco volante, que era da Caixa Econômica, onde abríamos a conta corrente e era levada para uma Agência da Caixa Econômica existente na Rodoviária”.*

5.1.3.5 Alojamentos X moradias

A construção não podia parar, Brasília tinha que ser inaugurada na data prevista por JK, muitos problemas surgiu nesta época, não possuía alojamento suficiente para acolher a proporção de trabalhadores. Os candangos invadiram os canteiros de obras, e a cada dia caminhões surgiam trazendo operários. Nos alojamentos, descansavam centenas de trabalhadores, aliviando seus corpos doloridos de um longo dia de trabalho, durante a noite, muitos pioneiros derramaram lágrimas sobre seus travesseiros sem fronhas. No decorrer da construção, o candango trabalhou, sofreu e construiu a nova capital, porém, desamparado choramingava de tristeza, por uma viuvez escolhida (LUZ, 2009).

A seguir apresentam-se relatos de riqueza singular, o que deixa viva sua participação na construção de Brasília. Todo relato, por sua vez, nos faz pensar e viajar no tempo. Tenta-se cursar o momento através das impressões verbais e sensações afirmadas pelos entrevistados, notar-se-á, todavia que durante a busca da memória e o encontro do passado com o presente, esse diálogo estabelece o

encontro entre todos os sujeitos e a continuidade da narrativa, formando um só diálogo, relatado por diferentes vozes.

(Mem 1) *“Barracões com piso de cimento quando tinha, e total desconforto. Onde eu morava era energia de motor e não tinha água encanada. Perto do barracão tinha uma torneira que os moradores dos barracões próximos usavam coletivamente. Ah, era difícil, os barracões normalmente não tinham banheiros. Barracões de madeira, com quatro beliches. Os colchões eram de capim e não tinha roupa de cama. Agente se virava como podia”.*

(Mem 2) *“Eram muito desconfortáveis, e as camas eram beliches com colchões de capim, com muitas raízes de mato. Eu morava no alojamento onde trabalhava. Como falei as camas eram beliches com colchões de capim e tinha muitos percevejos. No alojamento onde eu morava tinha energia elétrica e água encanada. Dentro do alojamento tinha um barracão com box de madeira e com torneiras, que serviam de banheiros coletivos e lavanderia [...]”.*

(Mem 3) *“O meu barraco não tinha conforto nenhum, nem porta tinha. Colocávamos um pano que servia de porta. Tinha energia elétrica, mas a água encanada era uma torneira coletiva. Não tinha banheiro [...]. Para tomarmos banho esquentávamos a água em um fogão de lenha, colocávamos em uma bacia e tomávamos banho dentro do barraco. Apesar de toda dificuldades éramos muito felizes”.*

(Mem 4) *“Os alojamentos eram de madeira, apinhado de pessoas e só muita terra, difícil [...]. No alojamento onde morava não tinha energia elétrica e nem água encanada. Usávamos lampiões e a água tirava de um córrego próximo. Tomávamos banho nos alojamentos”.*

(Mem 5) *“Não tive muito contato com os barracões. Eu e minha mãe fomos trabalhar como empregadas domésticas e moramos nas casas onde trabalhávamos. Raramente saímos, quando muito, era pra ir à missa ou assistir um filme. Quando casei deixei de trabalhar como doméstica e*

fui morar no acampamento Cosme Engenharia. Aí, foi muito difícil, (expressão de tristeza) os barracos pequenos, sem segurança, era terrível. Havia sim, um pouco precária, mas havia. Quanto à água encanada também tinha, faltava muito, mas armazenávamos água em tambores, para as necessidades mais urgentes. Ah, era difícil, os barracões normalmente não tinham banheiros”.

(Mem 7) *“Os alojamentos, meu pai trabalhava no plano, ele vinha toda semana, um sábado sim e outro não, nos vê. Trabalhava no acampamento da Rabelo, dessa época era a Rabelo que comandava As cama era uma caveta de madeira e os colchão de capim. O pião ficava no local de trabalho e só ia pra casa de cada quinze dias. Nas firma eles trabalhavam e ali mesmo tomavam banho, na mangueira da construção, tinha água suficiente”.*

(Mem 8) *“Naquela época serviam de alojamentos, eram blocos, tinha camas. Para o pessoal trabalhador, eram barracos de madeira, bem rústico. No exército tinha alojamento e banheiro, na cidade não tinha, só cano de água fria”.*

(Mem 10) *“Olha era canteiro de obra mesmo, era obra, e umas lonas, nem barraca tinha né. Tinha muito barraco de madeira na época. Dormiam debaixo da lona, no chão, no colchão de palha, que eles traziam de lá, ao céu aberto. No nosso caso lá, tomava banho, direitinho, com lata, com cuia, enchia tambor de água, e pegava água com a lata, é [...]. Não tinha água encanada, lembro que tinha um caminhão de água, assim também o caminhão jogava água na terra, pra abaixa a poeira, pra fazer as pista”.*

(Mem 11) *“[...] eram barracões com beliche, não tinha conforto nenhum. Os colchões eram de capim. Não tinha roupa de cama e tinha bastantes insetos”.*

Corroborando, Carvalho (1996), revela que há registros que descrevem um cenário nada confortável, os alojamentos eram galpões com dez a quinze quartos, com beliches de dois a três andares; os colchões eram de capim e a falta

de higiene nas instalações proporcionava o surgimento de percevejos, pulgas e piolhos. A latrina era uma pequena 'casinha' com porta de lona ou um simples buraco escavado no chão.

5.1.3.6 Situação da alimentação nos canteiros de obras

As pessoas chegaram de toda parte do Brasil, na bagagem existiam além das poucas roupas e objetos pessoais, as receitas e os temperos de suas cidades natais. Durante a construção da capital, surgiram os primeiros bares e restaurantes, as instalações eram feitas de madeira, sem controle sanitário, porque era para ser uma cidade efêmera. Entre as toneladas de arroz, feijão, carne e farofa que abasteciam os refeitórios dos operários, a cidade assistiu nascerem, os primeiros chefes de cozinha. Em 1956, o primeiro restaurante de Brasília foi inaugurado e comandado pelo italiano Vitor Pelechia, ficava perto de uma ponte madeira na Cidade Livre, que abrigava os candangos que trabalhavam nas edificações (SABADINI, 2010).

Homens depuseram suas forças nos canteiros de obras, eram mal alimentados, passavam fome e sede. Trabalhavam sob o sol e chuva, dia e noite para entregar a nova capital no planalto central em três anos e dez meses conforme o projeto de JK (NUNES, 1997).

Na trajetória gastronômica no início da capital, JK convidou o chef carioca Rosental Ramos da Silva e sua família para morar na capital. Ele foi responsável por

banquetes de luxo no Palácio da Alvorada e encantou as autoridades do país com pratos tipicamente brasileiros. Depois de servir o governo, o cozinheiro abriu um restaurante na 403 Norte e na Vila Plantalto. O cardápio regional e a casa se tornou tradição em Brasília e até o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a primeira dama, Marisa Letícia, passaram por lá. O chef morreu vítima de um acidente vascular cerebral (AVC) em 2005, aos 79 anos, sua viúva Maria Vera Lúcia Guimarães, 66 anos, manteve o Rosental Restaurante até janeiro deste ano, por estar cansada, resolveu fechar as portas, deixando apenas na memória o tempero da cozinha mineira (SABADINI, 2010).

Contraopondo ao cardápio elaborado por chefs renomados e servido com requinte em mesas suntuosas, está o candango, alimentando-se com refeições frias e sem atrativo, sob um sol devastador, nem se quer talheres possuíam.

Foto 13: Operários durante o horário de almoço em meio a terra, ferro e concreto.



Fonte: Marchel Gautherot. Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF.

A refeição básica no canteiro de obras era composta de arroz, feijão e carne seca, mas os operários caçavam perdizes e codornas, procuravam ovos em meio ao cerrado para completar a alimentação (LUZ, 2009). Segundo Santos (2010),

referenciando o relato do pioneiro Geraldo Campos, que trabalhava na estatal responsável por fiscalizar as empreiteiras, na época, “serviam comida estragada, as pessoas não tinham um tratamento digno, como ser humano, era aquela montoeira de gente em alojamentos de tábuas”.

(Mem 7) *“Era tudo muito difícil, isso porque tudo se comprava no Núcleo Bandeirante, as cidades de volta também iam pro Núcleo Bandeirante. Agente tinha muita dificuldade pra se alimentar, (expressão de tristeza) fazia as três refeições básicas e olhe lá, né. Eu era a mais velha e então o meu pai trazia dinheiro. Eu fazia bolinho e meu irmão vendia na construção, e com aquilo eu ia pegando gosto. Não tinha nada na construção, quando aparecia uma coisinha os pião, faziam gosto”.*

(Mem 8) *“Como eu estava no exército, à comida era normal, pesada e forte, mesmo né. Não é típica de Brasília, mas era feita pelo próprio exército. Eram quatro refeições, era comprado de agricultores de Goiás mesmo. [...] os outros compravam marmitta, comiam nas empresas ou prato feito”.*

(Mem 10) *“Nossa era difícil, pra nós era muito difícil, porque, no caso eu era muito pequena, né, não lembro muito das coisa não, mas meus irmãos falam assim que eles tinham que é, a meus deus, meu irmão mexia com feira, ele começou a vender verdura, e foi adquirindo graças a deus não faltou não, não passamos fome não. Comia quase toda hora, (risos) naquele tempo não tinha o que fazer, então só comia, toda hora, já viu. Naquela época chegava caminhão, com verdura, com fruta, olha no nosso*

caso era a mãe que fazia. Pros trabalhadores era as marmitta, de alumínio, que vinha uma em cima da outra, aí eles vendiam pros trabalhadores”.

Na coletividade das mesas dos refeitórios, pioneiros enfraquecidos pela fome, marcam o ritmo seco e constante da mastigação (LUZ, 2009). Esse era o único momento de descanso.

Foto 14: Refeitório - Operários comem no canteiro do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários. A alimentação era um dos principais problemas da companhia que administrava as obras. Brasília, 24 de maio de 1958.



Fonte: Mário Fontenelle/Arquivo Público do Distrito Federal – Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br>,> Acesso em: 23 mar 2010).

5.1.3.7 Os meios de transporte na época

Segundo Ernesto Silva, em janeiro foi inaugurado à primeira linha interestadual de ônibus da região, percorrendo o trajeto de Goiânia, Anápolis e Brasília. Anteriormente para chegar a Brasília, a linha de ônibus era a partir do Rio de Janeiro e São Paulo, passando por Uberlândia e Goiânia, terminando em Anápolis, onde ainda não havia linha de ônibus para o canteiro de obras. Chega a Brasília, em maio, o empresário Zéke de Abílio Beze, e inaugura a primeira empresa

de transporte coletivo da capital. A frota possuía três carros e seis funcionários, com a linha entre Cidade Livre, Novacap e Candangolândia (SILVA, 1985; SABADINI, 2010).

Foto 16: Marco zero - Rodoviária do Plano Piloto (1957).



Fonte: Disponível em: <<http://dftrans.blogspot.com>>. Acesso em: 23 jun 2010. Foto: Autor não identificado.

Os primeiros empresários de transporte coletivo na época eram os proprietários de empresas de caminhões e ônibus, a Viação Pioneira, fundada por dois irmãos sócios de Araçatuba, iniciou com linha entre o Núcleo Bandeirante e o Plano Piloto, com apenas quatro ônibus. Em 1957, a rota entre Núcleo Bandeirante era atendida pelas seguintes empresas de ônibus: Brasília, Braga, Irmãos Pinto, Marly, Moreira, Neiva, Pedatela, Viação Aragarina, e Viação Rio Verde, para os seguintes destinos: Goiânia, Vianópolis, Planaltina, Anápolis, Luziânia, Corumbá de Goiás, Formosa, Araguari. No dia 5 de agosto, é iniciada a primeira via de asfalto em Brasília, em novembro, dá início à construção da Plataforma da Rodoviária do Plano Piloto, concluída em 1960. Vale lembrar que, em 1959 havia três linhas de ônibus transportando os trabalhadores da Cidade Livre para o canteiro de obras (Ibidem).

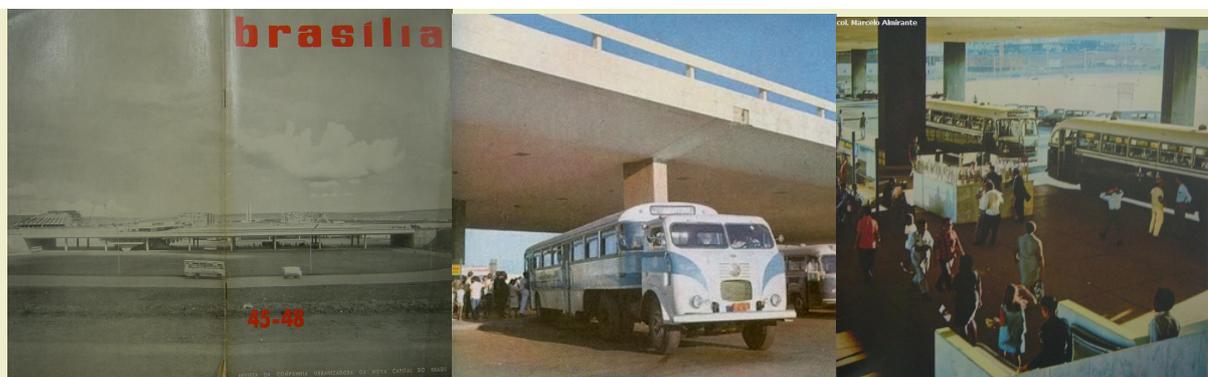
Na foto abaixo pode-se observar o início da construção da capital, em maio de 1957, o ponto de cruzamento dos futuros Eixo Monumental e o Eixo Rodoviário. Nesse ponto foi construída a rodoviária de Brasília, que até a inauguração da Rodoferroviária em 1980, abrigou todas as linhas urbanas e interestaduais.

(Mem 2) *“Existia um Ford que servia de pau de arara, para transporte do canteiro de obras para os alojamentos e vice versa”.*

(Mem 8) *“Era péssimo, era feito em caminhões, carrocerias de caminhões que levavam todos os operários até as obras. Nós do exército tinha transporte militar, não tinha problema”.*

(Mem 10) *“Olha muito pouco, tinha uns ônibus, não muito fácil, era bem pouco, viu. Depois não tinha cidade satélite, né, só tinha o Núcleo Bandeirante, que era a Cidade Livre”.*

Foto 16: Plataforma da rodoviária do Plano Piloto (1960). Ao lado um ônibus “papa-fila”, foto publicada na 7^o edição da Revista História de Brasília de 1970.



Fonte: Marcelo Almirante 2008. Memória do Transporte Público – Disponível em: <<http://www.rota.notlong.com>>. Acesso em: 11 fev 2010.

O percurso até chegar ao plano piloto, era em estrada de chão, muita poeira, uma viagem de uma hora. Em dezembro, a população fazia crítica à péssima qualidade do transporte, da demorada de espera nas paradas de ônibus e da superlotação nos carros. O déficit do transporte na capital era um dos maiores obstáculos, frente à cidade recém inaugurada. Possuía ônibus trafegando em condições arriscadas que não atendia às necessidades da população, colocando em risco a integridade física do trabalhador. Para acompanhar o crescimento da capital, novos sistemas de transporte foram estudados, o prefeito visitou algumas cidades de *New York e Washington*, observando o melhor sistema de transporte coletivo que se adaptaria a Brasília (SANTOS, 1985; OLIVEIRA 1978). Entre uma obra e outra, os trabalhadores deslocavam a pé ou em caminhões, durante a construção, os caminhões das construtoras e jipes eram os únicos meios de transporte (ALVES, 2009).

(Mem 4) *“O transporte para a obra era de ônibus, mas havia muitas dificuldades”.*

(Mem 6) *“Era muito precário, e era feito através de um ônibus que era chamado marionete. Para o trabalho ia em um pau de arara onde ia de funcionário a chefe, sem contar que chegávamos congelados por causa do frio”.*

(Mem 7) *“O transporte era pirata, e fazia é, Bandeirante e Taguatinga, Gama não tinha, nessa época, não existia, nem também outra cidade satélite, tudo veio muito depois, era só Núcleo Bandeirante”.*

Foto 17: Transporte de trabalhadores - um verdadeiro carregamento de trabalhadores que chega ao canteiro de obras (1959).



Fonte: Carlos Silva. Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

5.1.3.8 As demandas e os serviços de saúde

Enquanto era construído o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO), funcionava no local um posto médico avançado do Hospital Rossi de Goiânia. O HJKO foi construído em 60 dias, inaugurado em seis de junho de 1957. Em outubro de 1959 existiam 12 médicos, 32 enfermeiras, 56 leitos. Nesses dois anos, ocorreram 3,2 mil internações, 1,1 mil partos e 91 mortes. A construção era em madeira, possuía a residência para os médicos e funcionários com famílias e alojamentos para solteiros. Funcionava 24 horas, com 50 leitos, oito enfermarias (feminina e masculina), duas salas cirúrgicas, aparelho de Raio-x, laboratório de análise clínica, sala de ortopedia, dispunha também de maternidade, onde foram realizados muitos partos durante o período da construção. Apesar dos setores estarem equipados com aparelhagem moderna para a época, muitas pessoas não confiavam nos serviços prestados por ser construído em madeira. Além do

ambulatório existiam também na área alojamentos para os médicos, enfermeiros e suas famílias. O primeiro diretor foi o médico goiano Edson Porto (Disponível em: <<http://www.sc.df.gov.br>>. Acesso em: 14 mar 2010.

(Mem 6) *“Quando cheguei só havia o Hospital São Vicente de Paula e alguns postos improvisados. Havia muita doença devido à falta de higiene e os insetos que predominavam. Após três anos da minha chegada o Hospital de Base foi inaugurado. Após a inauguração do Hospital de Base, decidi que iria trabalhar lá. Mas eu era menor de idade. Rasguei minha certidão, fui à rodoviária, tirei outra certidão com a idade aumentada, procurei a administração do Hospital, onde fui contratada como auxiliar, mas poderia fazer todo tipo de serviço”.*

(Mem 7) *“Só tinha um hospital, em Taguatinga tinha um posto médico é, na Vila Sandú, fazia de tudo lá, até cirurgia, uma vez congelo a telhas e congelo o meu joelho e tive que fazer a cirurgia na dureza sem anestesia, sem nada. E depois veio o hospital São Vicente. É tinha trabalhador caído de obra, cortado e aí era tudo aí nesse posto. Na w3 tinha um posto grande”.*

(Mem 8) *“Havia o hospital de Base mais tarde, antes, no exército somente enfermarias para os militares. Tinha saúde pra todos do exército, mas pros outros não sei, mas era ruim. Tinha postinho de saúde que atendia toda a população da região. Devido a poeira, tinha muita asma, essas doenças de respiração”.*

(Mem 10) *“Havia um hospital na invasão, que hoje é a velhacap. A saúde era boa, tinha médico, não tinha tanta micose, tanta bactéria, tanta é*

frescura, naquela época não era tão ruim. Só quando tinha acidente, uns fazia no outro, ajudava o outro com mercúrio”.

Os operários chegavam ao serviço de saúde vítima na maioria das vezes por acidentes de trabalho, traumatismos ou por fraturas devido à queda nas construções. Os candangos apresentavam muitos casos de verminose, anemia e gastro-interite. A primeira cirurgia realizada na capital, foi devido a um acidente de caminhão, foi necessária realizar uma amputação de emergência, ainda com o HJKO não completamente concluído (VIEIRA, 2007).

(Mem 2) *“Havia o Hospital de base, onde fui operado em 1965 de uma queda, e outros Postos médicos improvisados”.*

(Mem 3) *“[...] eu ia muito a Hospital improvisado do IPI, tipo um alojamento”.*

(Mem 4) *“Havia hospitais e posto de saúde improvisados. Quanto à saúde os homens que vinham pra cá eram pessoas fortes e sadias. Mesmo assim existia a falta de higiene devido as condições das moradia sem contar com os insetos que eram muitos”.*

(Mem 5) *“Havia o Hospital de base e alguns postos médicos improvisados”.*

(Mem 6) *“Todos os casos graves iam para o Pronto Socorro, e havia muitos residentes. Só que as condições eram muito precárias. Não tinha necrotério e foi construída uma sala com várias prateleiras e uma mesa grande para depósito dos corpos. O mau cheiro no corredor interno do*

hospital era insuportável. Um belo dia o Juscelino foi visitar o hospital e se deparou com esta cena. Foi então que foi liberada uma verba maior para construção do necrotério”.

Foto 18: Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (1957).



Figura 3: Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira em construção, abril de 1957 (Arquivo pessoal de Edson Porto).

Fonte: Arquivo pessoal de Edson Porto.

Posteriormente, o medico Ernesto Silva chegou a Brasília, para programar o sistema de saúde da capital, criou a Fundação Hospitalar do Distrito Federal e o Hospital de Base, primeiro da cidade e hoje um dos maiores do país. Ele trouxe médicos e enfermeiros de renome nacional e internacional para trabalharem em Brasília e compraram todos os equipamentos necessários para os hospitais, de primeira qualidade, muitos comprados no exterior, ele idealizou os centros de Saúde, criados para realizar atendimentos de prevenção à população de baixa complexidade (Disponível em: <http://www.tribunadobrasil.com.br>. Acesso em: 23 abr 2010).

Em 1968 foi desativado, fazendo daquele lugar um posto de saúde. Mais tarde, na década de 80 foi transformado em Museu Vivo da Memória Candanga . O tombamento ocorreu em 13 de novembro de 1985, mediante o Decreto nº 9.036, os moradores do HJKO foram transferidos para a Candangolândia, local onde estavam

sendo assentados moradores de várias invasões erradicadas (Disponível em: <<http://www.sc.df.gov.br>>. Acesso em: 14 mar 2010.

5.1.3.9 O restrito cenário de lazer

De acordo com Alves (2009), devido à bebedeira e a falta de lazer, brigas e desentendimentos eram comuns na Cidade Livre. Cabia à GEB conter a população, na delegacia da unidade ficava na Velhacap (atual Candangolândia). A GEB, força policial montada pela Novacap, era temida pelos operários, muitos relembram que a falta de formação adequada dos que ingressavam nessa força policial teria contribuído para as arbitrariedades cometidas. A grande concentração de trabalhadores, submetidos à intensa jornada e a precárias condições de moradia e trabalho, além do curto prazo para a conclusão das obras, eram a justificativa para a atuação da GEB.

(Mem 1) *“Não havia lazer, era só trabalho, raramente saímos”.*

(Mem 2) *“Não havia lazer. Quando dispúnhamos de algum tempo íamos a cidade livre, onde tinha várias casas de diversão, em especial uma chamada Placa da Mercedes, onde ao redor havia várias barraquinhas com comidas típicas”.*

(Mem 7) *“Não existia lazer nessa época, não [...] só umas casa de mulher da vida”.*

Quando recebiam seus salários, os trabalhadores gastavam boa parte em noitadas nos bares e na zona de prostituição, conhecida como a Placa da Mercedes, localizada na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. Havia o Maracangalha, um dos bares mais famosos da cidade, algumas vezes os bares e os bordéis tinham atrações musicais, principalmente forró (ALVES, 2009).

(Mem 3) *“Nem sabíamos o que era lazer. Era só trabalho”.*

(Mem 5) *“Não havia lazer, era só trabalho, trabalho e trabalho”.*

(Mem 6) *“Não tinha lazer. Era só trabalho, muito trabalho”.*

(Mem 8) *“O lazer na época não tinha, a gente tinha que ir pra outras cidades, por exemplo, Formosa, Goiânia, [...]”.*

5.1.3.10 Como foi participar na construção da Capital Federal?

Considerando Brasília como o lugar onde os trabalhadores construíram suas histórias e a partir delas um presente tranquilo, pode-se compreender não só as motivações pessoais para a busca de trabalho, mas também o enfrentamento das dificuldades nesse período. A continuação desses trabalhadores na cidade até hoje, é a conservação viva da história.

Trabalhar e viver no espaço de uma cidade em ativa construção é uma vivência singular que a sociedade desconhece, nesse sentido, abaixo exhibe alguns

trechos das narrativas em que os depoentes fazem um link entre a Brasília e ontem e a de hoje.

(Mem 1) *“Quando olho pra Brasília e penso que contribuí com o meu trabalho para tudo isto que vejo, me sinto muito emocionado. Brasília de ontem: Cada um por si e Deus por todos. Hoje não é mais assim, existe solidariedade”.*

(Mem 2) *“Tive muitas dificuldades quando cheguei aqui, mas participar da construção da capital do meu País foi o maior prêmio da minha vida. Brasília de ontem só dúvida. Brasília de Hoje: Sonho realizado e certeza de uma velhice feliz”.*

(Mem 3) *“Pra mim foi uma época que marcou muito. Tive meus filhos aqui, os criei e hoje sinto muito orgulho da minha contribuição. A Brasília de ontem foi feita de esperança. A Brasília de hoje: A realização de um sonho. Aqui vivi um grande amor que o perdi pra outra mulher, mesmo assim ficaram as boas lembranças, amo Brasília, jamais poderia viver longe daqui”.*

(Mem 4) *“Foi tudo de bom. Aqui conheci minha esposa, formei minha família, hoje sou estabilizado financeiramente. Brasília de ontem: Só trabalho. Brasília de hoje: Também tem trabalho, mas temos lazer e solidariedade”.*

(Mem 5) *“Eu me sinto muito feliz, olhar pra Brasília hoje, eu me sinto um pedacinho desta Capital. É difícil crê que tanta terra, tanta construção,*

tanta poeira, se transformou numa Capital tão querida e amada como é a nossa Brasília”.

(Mem 6) *“É um orgulho imenso, nem tenho como explicar! A Brasília de ontem: Uma criança linda que desabrochava a cada dia e com um governante maravilhoso. A Brasília de hoje: É uma senhora que eu amo, porém deixando muito a desejar com política atual”.*

(Mem 7) *“Há, pra mim hoje e te chagado aqui, foi muita coisa, participei de muita coisa, vi nasce a câmara, vi Brasília cresce, Ceilândia nasce, e vi a própria Brasília nasce, antes era uma só avenida de prédio, hoje você chega lá e fica boba. Na época foi muita dificuldade, né, ela tava nascendo, se construindo, então hoje Brasília é um paraíso, que ela hoje já é criada né, um lugar que pretendo terminar e ser enterrada aqui. [...] valeu muito, muito, sabe por que valeu, porque com o tempo, eu também fui trabalhar, construí minha vida, casei, hoje já sou avó e bisavó. E é aqui que quero terminar”.*

(Mem 8) *“Foi muito importante, na época tirava guarda no Palácio do Planalto e nos que já estavam construídos, né, foi emocionante contribuir com a criação da capital do País, fiz parte da história. Bem hoje Brasília já tem vida própria, não depende de outras cidades pra crescer. Ela começa a sentir os efeitos dos grandes centros, como a segurança, saúde [...]”.*

(Mem 10) *“Olha! eu sinto assim como se fosse pegar uma criança, cortar o cabelo dela, desse um banho, assim eu acho que eu ajudei nesse sentido, eu ajudei a construir. Brasília de ontem era muita luta, trabalhosa, e a de*

hoje, sem sacrifício, tranqüila, muito lazer, água encanada, luz, naquela época era lamparina, candeeiro”.

Brasília vence as predições pessimistas, foi inaugurada em 21 de abril de 1960. Hoje, Brasília é uma bela cidade que surgiu do sonho de um homem que um dia vislumbrou o futuro próspero para todos os seus moradores.

CONCLUSÃO

Nessa pesquisa, pode-se observar como os idosos, enquanto fazem a busca da memória, reavaliam sua vida, sua inserção na família, no trabalho e sua presença como sujeitos ativos da sociedade. Neste diálogo, os entrevistados tiveram a oportunidade de recuperar e reexaminar suas lembranças, seus sentimentos, valores e as relações interpessoais estabelecidas na época em questão. A partir do encontro do passado e do presente foi possível perceber, conhecer o indivíduo e suas experiências.

Buscou-se retratar através das lembranças de vida dos idosos do grupo Mais Vividos do SESC-Gama, a importância da memória para a história, fazendo uma investigação dos momentos vivenciados durante a construção de Brasília, enfatiza-se a singularidade de cada uma das trajetórias que foram esquecidos pela história oficial. As lembranças desses idosos através do uso da história oral revelam-se de suma importância, pois, através delas, é possível apurar uma história social, delineada por superação, solidão, sofrimento e trabalho. Relatos repletos de riquezas e detalhes, que transcenderam ao longo dos anos, que a sociedade talvez desconheça, mas que, através de seus relatos, poderão ser conhecidas, já que os mesmos viveram esses dois períodos, o ontem e o hoje.

Para retratar o cenário vivido foi necessário fazer uma viagem ao passado, buscar as lembranças dos entrevistados, desde saída de sua cidade natal até a chegada em Brasília, dos sonhos, dos medos, das privações e da difícil busca para adquirir o mínimo para sobreviver, pois, fizeram parte naquela época de uma sociedade carente. A pesquisa foi uma experiência única, a cada relato, podia-se

perceber a emoção de cada participante, ao rememorar casos e fatos. O que torna mais interessante, é que agora temos outros atores contando a mesma história, o que nos permite conhecer e aprender através das lembranças relatadas pelos idosos entrevistados, os fatos ocorridos e, épocas vividas em nossa sociedade que serviram de pilares para a formação da cultura e da história.

A busca pela memória é um subsídio à coletividade na composição de uma cultura e de sua biografia, tem como função aproximar o passado, o presente e o futuro, e estabelecer o vínculo do que passou com o presente. A importância voltada à memória que foi dada nesse trabalho ratifica a seriedade de reconstruir a história através de relatos orais, permitindo assim que a sociedade não fique sem passado histórico.

Os diálogos levaram a conhecer os desejos e as angústias de cada pessoa, nos aproximando do foco da nossa investigação. Antes de finalizar, é importante relembrar que a nossa sociedade experimenta um acelerado processo de envelhecimento populacional. Ao longo da vida, nesse ínterim, de altos e baixos, é fundamental que o idoso resgate através de sua memória, sua história, suas experiências e seu crescimento como cidadão, sinalizando para a população jovem que a dificuldade, a fragilidade, o sonho e a conquista fazem parte do ciclo normal de vida. E o significado social de ser idoso, necessita tirar o véu do preconceito. Pois tornar-se velho, marca o ápice da sabedoria e da liberdade de expressão.

REFERÊNCIAS

ABREU, F, 1975. **Fisioterapia geriátrica**. In:_. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

ABREU, D. N. **Aspectos psicológicos e o envelhecimento**. Fisioterapia geriátrica/ Flavia Abreu, Rio de Janeiro: Shape, 2005.

ALBERTI, V.. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Getúlio Vargas; 1990.

ALVES, R. **Brasília 50 anos: Memórias da construção**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.correioweb.com.br>>. Acesso em: 25 mar 2010.

ALMEIDA, M. H. M. de; BEGER, M. L. M.; WATANEBE, H. A. W. **Oficina de memória para idosos: estratégia para promoção da saúde**. Interface (Botucatu). Botucatu, v. 11, n. 22, ago. 2004.

ARAÚJO, L. F. de; COUTINHO, M. da P. de L.; SANTOS, M. de F. de S.. O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttest&pid=S0102-71822006000200012&lng=pt&nrm=iso . [Acesso em: 24 de jul. 2009].

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa (PT): Artes Gráficas; 2001.

BRASÍLIA, um delírio possível (1955-196). Disponível em: http://www.projetomemoria.art.br/JK/biografia/4_primeira.html>. Acesso em: 20 fev 2010.

BRUNNER & SUDDARTH. **Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica**. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.

BRUNELI, C. B.; TRINDADE, E. D; ABREU, F. M. C. de. Alterações anatômicas e fisiológicas do envelhecimento Fisioterapia geriátrica/ Flavia Abreu, Rio de janeiro: Shape, 2005.

CAETANO, L. F.; MESQUITA, M. G.. Hidrocinesioterapia na geriatria. Fisioterapia geriátrica/ Flavia Abreu, Rio de janeiro: Shape, 2005.

CALDAS, C. P. **Memória, trabalho e velhice**. Um estudo das memórias de velhos trabalhadores. Terceira idade: desafios para o terceiro milênio. (Org) Renato Veras. Rio de janeiro: Relume-Dumará: UnATI/UERJ, 1997).

CAMARANO, A. A.. Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição demográfica. In: FREITAS, E.V.; PY, L.; NERI, A.L.; CANÇADO, FAX; GORZONI, M.L.; ROCHA, A.S. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. São Paulo: Guanabara-Koogan, 2002.

CARVALHO, F. C. R. **Treino de memória episódica com idosos normais**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 2006.

CARVALHO, I. P.. **O Discurso Popular na construção de Brasília**: a fala do povo. Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília, 1996.

CONSELHO DOS DIREITOS DO IDOSO DO DISTRITO FEDERAL (CDI/DF). **Idoso**: informações sobre os direitos, políticas públicas e guia de serviços e benefícios sociais / Conselho dos Direitos do Idoso do Distrito Federal – Brasília, 2009.

COUTO, R. C. **A saga da Construção**: Brasília 50 anos. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br>. Acesso em: 03 mai 2010.

COUTRIM, R. M. da E.. Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 2006. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232006000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 Jun 2010.

CRULS, L. Relatório da 1º Missão Cruls. Rio de Janeiro, 1894. Disponível em: <<http://www.brazilia.jor.br/Hist/Docs/Relatorios/1984cruls17intro.htm>>. Acesso em: 23 mar 2010.

CRUZ, C.; RIBEIRO, U. **Metodologia científica: teoria e prática**. 2 ed., São Paulo, SP: Axcel Books, 2004.

DUTRA, L. **21 de abril aniversário de Brasília**. Disponível em: <<http://www.velhosamigos.com.br/DatasEspeciais/diabrasilia.html>>. Acesso em: 29 mar 2010.

FERREIRA, L. R. A. de; PINTO, L. B. L.; OLIVEIRA, V. A. de. **Cuidar Melhor e Evitar a Violência – Manual do Cuidador da Pessoa Idosa**/ Tomiko Born (Org.) – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Subsecretaria de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2008.

FIGUEIREDO, M. do L. F. *et al.* As diferenças de gênero na velhice. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 4, ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttest&pid=S0034-7167200700040001&lng=pt&nrm-iso> Acesso em: 25 de jul. 2009.

FONTENELLE, M. **Acervo Fotográfico, 1959**. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br>>. Acesso em: 22 fev 2010.

_____. **Arquivo Público do Distrito Federal**. Disponível em: <<http://www.universia.com.br>>. Acesso em: 12 de mai 2010.

_____. **Acervo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF (1958)**. Disponível em: <<http://www.camara.gov.com>>. Acesso em: 27 mar 2010).

FORETTE, F.. **A revolução da longevidade**/ Françoise Forette; tradução de Mariana Jacob. – São Paulo: Globo, 1998.

GARRIDO, R., MENEZES, P.R.. O Brasil está envelhecendo: boas e más notícias por uma perspectiva epidemiológica. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 2002; 24:3-6.

GONÇALVES, P. R.. **As Cidades Satélites de Brasília**: registro histórico, Brasília, 2002.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Secretaria da Cultura. Arquivo Público do Distrito Federal. **Memória da Construção de Brasília**. Projeto, s.d., p.3.

GUYTON, A. C. E HALL, J. E.. **Fisiologia Humana e Mecanismos das Doenças**. 6º ed. 6, Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 1996.

História de Brasília. **O começo do sonho**. Disponível em:
<<http://www.velhosamigos.com.br>>. Acesso em: 25 de mar. 2010.

HUMEREZ, D. C. **História de vida**: instrumento para captação de dados na pesquisa qualitativa. Acta Paul Enerm, 1998; 11(3): 32-7.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - Diretoria de Pesquisas: Departamento de População e Indicadores Sociais. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil**. Rio de Janeiro, n. 9, 2002.

JUNIOR, J. C. Z.. **Demências**: identidades que adoecem considerações sobre os aspectos psicopatológicos do envelhecimento. Dissertação Universidade Católica de São Paulo, 2008.

LACAVA, A. M. L.. **Geriatría**. Declínio da memória e demência. Org. Luiz Henrique Horta Hargreaves. Brasília, 2006.

LACERDA, C. **Depoimento**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977.

LARAIA, R. de B. **Candangos e Pioneiros**. Brasília, 1996.

LASCA, Valeria Bellini. **Treinamento de memória no envelhecimento normal**: efeitos de um programa aplicado a idosos / Valeria Bellini Lasca. - Campinas, SP: [s.n.], 2003.

LUIZ, M. M. C.; AMATUZZI, M. M.. Vivências de felicidade de pessoas idosas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, n. 2, abr./jun. 2008.

LUZ, C.. **Alma da Casas**. Disponível em: <<http://www.brasiliapoetica.com.br>. Acesso: 07 abr 2010.

LUZ, C.. **A cardeneta da Caixa**. Brasília, julho de 2009. Disponível em: <<http://www.brasiliapoetica.com.br>. Acesso: 07 abr 2010.

MAIA, L.C.; DURANTE, A.M.G.; RAMOS L.R.. Prevalência de transtornos mentais em área urbana no norte de Minas Gerais, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, 2004; 38(5):650-6.

MANCIA, J. R; PORTELA, V. C. C; VIECILI, R.. A imagem dos acadêmicos de enfermagem acerca do próprio envelhecimento. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 2, abr. 2008.

MANCUR, L. L. et al. Linguagem e cognição na doença do Alzheimer. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, Porto Alegre, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01027972200500030002&lng=pt&nrm=ISO>. Acesso em: 11 jul. 2009.

MAULAZ, M. B de. **Incontinência urinária no idoso**. Fisioterapia geriátrica/ Flavia Abreu, Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MARIANO. M. da G.. **Memória e Oralidade**: um estudo de velhos em Anicuns. Monografia – Faculdade de Educação e Ciências Humanas, Goiás, 2005.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5ª ed. São Paulo (SP): Loyola; 2005.

MEMORIAL JK. **Biografia do presidente Juscelino Kubitschek**. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/preuniversitario/materia.jsp?materia=10086>>. Acesso em: 21 fev 2010).

MONTEIRO, N.; SILVA, D. M.; PEREIRA, F. F.. **Os aspectos demográficos do envelhecimento**. Fisioterapia geriátrica/ Flavia Abreu, Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE . **Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica** número 9. Rio de Janeiro, 2002.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo, SP: Atlas, 2005.

MONTEIRO, P. P. Envelhecimento: rumo ao novo paradigma. **Revista Kairós**, São Paulo, v. 3, 1998, p. 53-61.

MORAIS, E. P. de; RODRIGUES, R. A. P.; GERHARDT, T. E.. Os idosos mais velhos no meio rural: realidade de vida e saúde de uma população do interior gaúcho. **Texto contexto - enfermagem**., Florianópolis, v. 17, n. 2, jun 2008 .Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000200021&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 set. 2009.

MOREIRA, M. de M.. **Envelhecimento da população brasileira: aspectos gerais**. In: __. O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade – Subsídios para políticas orientadas ao bem-estar do idoso. Org: Laura L. R. W. Belo Horizonte, 2000.

MOREIRA, M. de M.. **Mudanças Estruturais na Distribuição Etária Brasileira: 1950 – 2050**. Artigo original, n. 117, 2002. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/117a.html#n1#fn1>>. Acesso em: 02 nov 09.

NÉRI, A. **Palavras-chaves em gerontologia**. São Paulo. Ed Alínea, 2005.

NUNES, B. (org). **Brasília: a construção do cotidiano**. Brasília, Paralelo15, 1997.

OLIVEIRA, J. K. de. **50 anos em 5: meu caminho para Brasília**. v.3. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1978.

OLIVEIRA, L. L. **O Brasil de JK: Sonho antigo**. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 10 de mar. 2010.

PAULILO, M. A. S.. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. 2(1):135-4, 1999.

RAMOS, L.R.; ROSA, T.E.C.; OLIVEIRA, Z.M.; MEDINA M.G.G.; SANTOS, F.R.G.. Perfil do idoso em área metropolitana na região sudeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. **Revista de Saúde Pública**, 1993; 27; 87-94.

REINALDO, M. A. S, SAEKI, T, REINALDO, T. B. S. O uso da história oral na pesquisa em enfermagem psiquiátrica: revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Enfermagem**, 5 (2):65-70, 2003. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/revista5_2/pdf/historia.pdf>. Acesso em: 26 de jul. 2009.

RIBEIRO, P. R.. **Estudos Regionais: Paisagem, Memória e Identidade**. IN: Fragmentos de Cultura. Goiânia: UCG, 1999.

RIGO, M. J.. **O idoso, o estatuto e a visão sistêmica da sociedade**. Monografia apresentada para o 7º Concurso Talentos da Maturidade, do Banco Real. Caxias do Sul, 2005.

RODRIGUES, R. A. P. *et al.* Política nacional de atenção ao idoso e a contribuição da enfermagem. **Texto contexto - Enfermagem**., Florianópolis, v. 16, n. 3, set. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072007000300021&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 set. 2009.

RODRIGUES, M. **Juscelino Kubitschek**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historiab/juscelino-kubitschek.htm>. Acesso em: 25 mar 2010.

RVBI - Rede virtual de Bibliotecas. **O Governo JK bibliografia**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas de 1992. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/pesquisa/paginacao.action?id=20100615191915737&numeroPagina=2>>. Acesso em: 25 mar 2010.

SABADINI, T. **Primeiros sabores**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.correioweb.com.br/cbonline/gastronomia/pri_gas_103.htm>. Acesso em: 21 jun 2010.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. 4.ed.: São Paulo, SP: Martins Fontes, Ensino Superior, 1996.

SANTOS, I. E. dos. **Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica**. In: _____. 3.ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2001.

SANTOS, I. **Candangos**: sinônimo de coragem e perseverança. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.nominuto.com/especial/especial-brasilia-50-anos/candangos-sinonimo-de-coragem-e-perseveranca/51066/>>. Acesso em: 21 jun 2010.

SECRETARIA DE CULTURA DO DISTRITO FEDERAL - SEC. **Catetinho o Palácio de Tábuas** - ITS (Instituto Terceiro Setor), 1956. <<http://www.bsb.hd1.com.br/>>. Acesso em: 25 de mar. 2010.

SILVA, A. C; RIBEIRO, L. B. **Imagens do silencio, imagens silenciadas**: Marcel Gauthero e a construção de Brasília. Brasília, 2008.

SILVA, E. **História de Brasília**. Centro Gráfico do Senado Federal, 1985. Disponível em: <<http://www.bsb.hd1.com.br/>>. Acesso em: 21 jun 2010.

SIQUEIRA, R. L. de; BOTELHO, M. I. V; COELHO, F. M. G.. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciências Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, 2002.

SOUSA, J. N. de; CHAVES, E. C.; O efeito do exercício de estimulação da memória em idosos saudáveis. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 2005; 39(1): 13-9.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q.. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 25. n. 4, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166x2008000400013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 jul. 2009.

THOMPSON, P.. **A voz do Passado**. In: História Oral. São Paulo: 1988.

VALE, R. G. de S. **Exercício resistido de força para o idoso**. Fisioterapia geriátrica/ Flavia Abreu, Rio de Janeiro: Shape, 2005.

VASCONCELOS, A. **A Mudança da Capital**. Gráfica e Editora Independência LTDA – 1978. Disponível em: Disponível em:<<http://www.bsb.hd1.com.br/>>. Acesso em: 25 de mar. 2010.

VIDESOTT, L. Os Candangos. **Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo** – programa de pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo EESC-USP, 2008.

VIEIRA, T. R.. Uma clareira no sertão? Saúde, nação e região na construção de Brasília (1956 - 1960). **Dissertação** (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2007.

VELOZ, M. C. T.; SCHULZE, C. M. N.; CAMARGO, B. V..Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. V. 12, n. 2: Porto Alegre, 1999.

VERAS, R.. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 3, jun. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000300020&lng=pt&nrm=iso .Acesso em: 09 nov. 2009.

KUBITSCHKE, J de O.. **Por que construí Brasília**. Edições Bloch, 1975.

YASSUDA, M. S.. Memória e envelhecimento saudável. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. In: Freitas *et al*. Rio de Janeiro, 2002.

WIKIPEDIA. **História de Brasília**. Enciclopédia livre. Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org/historiadebrasil>>. Acesso em: 23 de mar. 2010.

Links

http://www.infobrasilia.com.br/bsb_h1p.htm [[links](#)]

<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/construcao-de-brasil> [[links](#)]

<http://www.tvcultura.com.br//historia/cenasdoseculo/nacionais/jk.htm> [[links](#)]

<http://www.rotanotlong.com> [[links](#)]

<http://www.tribunadobrasil.com.br>. [[links](#)]

<http://www.sesc.gov.br> [[links](#)]

<http://www.sc.df.gov.br> [[links](#)]

<http://www.ultimaparada.wordpress.com> [[links](#)]

APÊNDICE I

LABORO: Excelência em Pós-Graduação Universidade Estácio de Sá Curso de Especialização em Saúde do Idoso

Instrumento para Coleta de dados para a pesquisa: **Resgate histórico do idoso como identidade ativa da sociedade contemporânea.**

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Quem foi Juscelino Kubitschek? Como era o seu governo? Possuía amizade?
2. Motivo que impulsionou a migração para Brasília? Qual foi o ponto de chegada?
3. Possuíam família quando chegaram aqui em Brasília ou constituíram aqui após algum tempo?
4. Como era o trabalho nessa época? As condições de trabalho?
5. Quem organizava o trabalho nos canteiros de obra na construção de Brasília?
6. Havia mulheres nessa época trabalhando na construção de Brasília? E as esposas se houvesse, faziam o que?
7. Ocorriam mortes de trabalhadores durante a construção de Brasília?
8. Como era o salário? Como era feito o pagamento?
9. Como eram os alojamentos/ dormitórios dos operários que trabalhavam nos canteiros de obras de Brasília?
10. Como era para manter a higiene corporal? Havia dificuldade?
11. Na época como era a alimentação? Quantas refeições realizavam? Quem a produzia e a distribuía para os trabalhadores?
12. Como era o transporte?
13. Havia hospital? Como era a saúde? Havia doença que atingia os trabalhadores?
14. Como era o lazer?
15. O que foi para o (a) senhor (a) participar da construção da capital do País?
16. Como era a Brasília de ontem e a Brasília de hoje?

APÊNDICE II

LABORO: EXCELÊNCIA EM PÓS-GRADUAÇÃO UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO SAÚDE DO IDOSO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa – Lembranças de uma vida: lugares de memória (história oral), no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador (a) ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador (a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

INSTITUIÇÃO: LABORO: Universidade Estácio de Sá

NOME DA PESQUISA: Resgate histórico do idoso como identidade ativa da sociedade contemporânea.

TELEFONE: (61) 8601- 8089

PESQUISADORES PARTICIPANTES:

*Fabiana da Fontoura Procath Schünemann,

*Jandira Neves de Oliveira,

*Maria da Conceição Carvalho dos Santos

OBJETIVOS: Conhecer e analisar o significado da experiência de vida, no relato de idosos, a partir da compreensão da sua história de vida através do discurso da história oral. Objetivos específicos: 1. Conhecer a história de vida de idosos e seus lugares de memória. 2. Verificar quais foram os motivos que impulsionaram a migração de seus Estados de origem para Brasília. 3. Estimular e avaliar a memória do idoso através do relato oral da história de sua vida.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Se concordar em participar da pesquisa, você terá que responder a um questionário com perguntas sobre sua história de vida, sobre a chegada em Brasília - DF. O questionário será com perguntas diretas referentes à chegada em Brasília, o participante que concordar em participar da pesquisa, responderá o questionário. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita para o trabalho, mantendo o sigilo dos participantes. A pesquisa consiste em coletar histórias de vidas, lembrando fatos que ocorreram ao chegar a Brasília. Os dados coletados serão analisados e servirão para enriquecer a pesquisa.

RISCOS E DESCONFORTOS: O entrevistado tem a liberdade de recusar-se a participar da pesquisa em qualquer momento do estudo, caso tenha vontade, ou se sinta constrangido em responder as questões, sua saída não causará nenhum dano a si próprio.

BENEFÍCIOS: A participação do entrevistado será fundamental para coletar informações enriquecendo o estudo. Sua participação irá contribuir no sentido de, apresentar aos jovens a Brasília que foi um dia, evidenciando fatos marcantes da história de Brasília, bem como, seus moradores e trabalhadores que auxiliaram na construção do Distrito federal. E que fizeram à história.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Os idosos da pesquisa não arcarão com nenhum gasto decorrente da sua participação (entrevista). Os participantes da pesquisa não receberão qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação na pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: É garantido o sigilo, e a privacidade dos entrevistados quanto a informações confidenciais envolvidos na pesquisa, informando que somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa, e com nomes fictícios apresentados na pesquisa.

Eu, _____ RG _____, CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo Lembranças de uma vida: lugares de memória (história oral) , como participante declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pela entrevistadora Jandira Neves de Oliveira, dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento,. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Brasília, 21 de novembro de 2009.

Jandira Neves de Oliveira

Assinatura do participante